



EntrEspécies,
Ressonâncias eco-artísticas
no espaço público

Vanessa Rendeiro da Silva

Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Arte e Design para o Espaço Público (MADEP), sob a orientação de Professora Doutora Gabriela V. Pinheiro

Setembro 2025

AGRADECIMENTOS

Um sincero agradecimento à minha orientadora e professora Gabriela V. Pinheiro pela paciência e olhar incisivo sobre o meu discurso e ideias.

Este trabalho foi realizado no cruzamento com diversas espécies que, de uma maneira ou de outra, foram cruciais para a sua concretização.

Agradeço o privilégio de ter partilhado este caminho com:

- A minha alma-gêmea canina Micca, que me acompanhou nestas aventuras pela natureza e que partiu a meio deste percurso investigativo, sendo a sua presença infinita; Floquito, a caturra atrevida que constantemente me “roubou” as canetas e folhas de estudo; Nicco, o canino da casa sempre pronto a passear nas minhas pausas de estudo e Mio, o felino dominante, pelo seu espreguiçar inspirador que tanto me ajudou a amenizar as dores de costas, durante a redação do presente documento;
- O meu companheiro de viagem Jorge Afonso, pela sua infinita paciência e cuidado;
- Os meus pais por, ao longo dos nossos caminhos conjuntos, me ensinarem a discernir sobre o que quero e não quero nesta viagem da vida;
- Os meus amigos, por estarem sempre presentes mesmo quando me ausento mais do que deveria;
- As minhas colegas/amigas de trabalho, pelo espírito “Olarilolé”.

RESUMO

Vivemos mudanças constantes e rápidas na sociedade contemporânea, face a tempos caracterizados por imprevisibilidades múltiplas como eventos naturais, sociais e políticos. Ter presente capacidades como repensar, reajustar, reorganizar, readaptar parecem fundamentais para os tempos que se vivem atualmente. A facilidade de acesso à informação através dos meios digitais é um fator crucial que nos permite obter conteúdos de abrangências diversas, algo que antes seria impraticável. Este acesso, quase em tempo real, possibilita-nos uma percepção de multi-realidades que, mesmo com a ressalva sobre a sua veracidade, incita a questionamentos e reflexões sobre como nos posicionamos local e globalmente, face a esses aspetos.

A presente investigação é motivada pela consciencialização sobre a crise climática, as espécies invasoras e a poluição, nomeadamente no oceano, mas principalmente pelo facto destas questões já virem a ser pensadas e discutidas muito antes do nosso tempo, no século XIX, o que enfatiza ainda mais a urgência e necessidade contínua de reflexão, conscientização e principalmente ação.

O atuar é acionado através de práticas educativas individuais e coletivas, preferencialmente no espaço público que contém as problemáticas ambientais a abordar.

A reflexão proposta envolve pensar no ser humano como uma das várias espécies que compõem o planeta Terra, promovendo uma relação horizontal de igualdade e de respeito em convivência com os outros seres vivos, animais ou vegetais. Esse pensamento inclui a libertação dos conceitos de dominação sobre a natureza e a procura por saberes ancestrais de conexão com a mãe natureza e na sua relação com o outro.

Inúmeros são os artistas que, ao longo do tempo, têm explorado essas problemáticas através das suas práticas artísticas, contribuindo para a sua constatação, questionamento, debate e ação.

Sendo o meio artístico o melhor modo de canalizar e exprimir o meu entendimento do que se passa ao meu redor e no meu interior, é minha intenção que através desse veículo de expressão se possibilite o desenvolvimento de projetos artísticos e educativos pessoais e coletivos assim como prestar um bom serviço público, uma vez que o meu contexto laboral é a função pública, contribuindo na promoção de uma espécie de cultura ambiental que traduza de forma imediata e clara os aspetos referidos atrás: constatação, questionamento debate/ação reflexão das problemáticas através da arte, na esfera pública.

Mantêm-se a esperança de que, ao trabalhar localmente, tocando diferentes públicos, com diferentes abordagens, possam ser ativadas mudanças significativas locais com o pensamento à escala global. A ideia é que, se cada um fizer a sua parte, se possam reconstruir as raízes que sustentam os pilares deste planeta Terra, que é a nossa CASA.

Essa perspetiva procura um (re)equilíbrio entre ação e reflexão, evitando posturas agressivas ou radicais e promovendo uma abordagem sustentável e integrada para enfrentar os desafios ambientais e sociais contemporâneos. A arte, nesse contexto, não é apenas uma forma de expressão, mas um instrumento de transformação e conscientização coletiva. A força do coletivo na experenciação e atuação dos fundamentos teóricos é localmente impactante, envolvente e geradora de massa crítica!

ARTE NATUREZA CONSCIÊNCIA POLUIÇÃO INVASÃO IMPACTO INVISIBILIDADE
MARGINALIZAÇÃO DESCARTÁVEL ECOLOGIA SUSTENTABILIDADE TRANSFORMAÇÃO
COMUNIDADE ESPERANÇA AÇÃO CONSEQUÊNCIA ÉTICA

ABSTRACT

We are experiencing constant and rapid changes in contemporary society, in the face of times characterized by multiple unpredictabilities such as natural, social and political events. Keeping in mind skills such as rethinking, readjusting, reorganizing and readapting seem fundamental to the times we live in today. Easy access to information through digital media is a crucial factor that allows us to obtain content from a wide range of sources, something that would previously have been impractical. This access, almost in real time, gives us a perception of multi-realities which, even with reservations about their veracity, prompts questions and reflections on how we position ourselves locally and globally in relation to these aspects.

This research is motivated by awareness of the climate crisis, invasive species and pollution, particularly in the ocean, but above all by the fact that these issues were already being thought about and discussed long before our time, in the 19th century, which further emphasizes the urgency and ongoing need for reflection, awareness and above all action.

Action is triggered through individual and collective educational practices, preferably in the public space that contains the environmental issues to be addressed.

The proposed reflection involves thinking of human beings as one of the various species that make up planet Earth, promoting a horizontal relationship of equality and respect in coexistence with other living beings, whether animal or plant. This thinking includes liberation from concepts of domination over nature and the search for ancestral knowledge of connection with mother nature and its relationship with the other.

There are countless artists who, over time, have explored these issues through their artistic practices, contributing to their observation, questioning, debate and action.

As the artistic medium is the best way to channel and express my understanding of what is going on around me and within me, it is my intention that through this vehicle of

expression it will be possible to develop personal and collective artistic and educational projects, as well as to provide a good public service, since my work context is the civil service, contributing to the promotion of a kind of environmental culture that immediately and clearly translates the aspects mentioned above: observation, questioning, debate/action and reflection on problems through art, in the public sphere.

The hope remains that by working locally, touching different audiences with different approaches, significant local changes can be activated with thinking on a global scale. The idea is that if everyone does their part, the roots that support the pillars of this planet Earth, which is our HOME, can be rebuilt.

This perspective seeks a (re)balance between action and reflection, avoiding aggressive or radical stances and promoting a sustainable and integrated approach to tackling contemporary environmental and social challenges. Art, in this context, is not just a form of expression, but an instrument of transformation and collective awareness. The strength of the collective in experiencing and acting on theoretical foundations is locally impactful, engaging and generates critical mass!

ART NATURE AWARENESS POLLUTION INVASION IMPACT INVISIBILITY
MARGINALIZATION DISPOSABLE ECOLOGY SUSTAINABILITY TRANSFORMATION
COMMUNITY HOPE ACTION CONSEQUENCE ETHICS

ÍNDICE

1. Introdução	1
1.1. Estratégias processuais	15
2. <i>CoHABITAndo</i>	21
2.1. Algumas reflexões sobre a coexistência <i>entrEspécies</i>	21
2.2. Percecionando o entorno	32
3. Micro-Observâncias	47
3.1. <i>desEquilíbrio</i>	53
3.2. <i>inVisibilidades</i> : Abordagens Artísticas às Consequências do Consumo e Descarte	56
4. Nano-Observâncias	67
4.1. <i>inVisibilidades</i> dos processos naturais	67
5. Ponto (não) final	77
6. Bibliografia	83
7. Webgrafia	86
8. Documentários	87
Anexo – Guia minimalista de reEncontro	

ÍNDICE DE IMAGENS

Figura 1 - Exposições de Alberto Carneiro visitadas pela própria.	6
Figura 2 - A NATUREZA é uma ANIMAÇÃO!, BioBlitz. Parque de Serralves, Maio 2022....	7
Figura 3 - Ligia Poplawska, Sensitive Territories, 2023.....	8
Figura 4 - Esquema Metodológico, baseado na normativa do programa Bandeira Azul.	16
Figura 5 - Exercício de Brainstorming.	18
Figura 6 - Diagrama Circular Orientativo.	19
Figura 7 – Imagens do documentário Children of the Jaguar, de Eriberto Gualinga e Amnistia Internacional.	28
Figura 8 - PassApalavra”, jogo de sensibilização e eco-oficinas. Praias do Concelho de Espinho.	30
Figura 9 - Pormenor quadro de exercícios/resposta ao Workshop de 3 abordagens espaciais. V. Rendeiro-Sala MADEP, 2013.	32
Figura 10 - Quadro de exercícios/resposta ao Workshop de 3 abordagens espaciais. Sala MADEP, 2013.	33
Figura 11 - Registo de movimento da mão/braço durante as viagens de comboio Espinho-Porto-Espinho 2013.....	34
Figura 12 - Mapeamento de poças de água sobre mapa da cidade de Espinho.2013 ...	35
Figura 13 - Memorando#1 – intervenção em paredes degradadas da cidade. 2013.	37
Figura 14 - Hamish Fulton, 31 Walks from Water to Water 1971-2010.....	42
Figura 15 - Rivane Neuenschwander ”Sementes Selvagens”, Serralves 2022-23.....	43
Figura 16 - Estudos para o projeto Caminhos da Água Interior.2024-25.	44
Figura 17 - Estudos para o projeto Caminhos da Água Interior. 2024-25.	45
Figura 18 - CoExistindo_série entrEspécies. Praias de Espinho, 2021-2024.	47
Figura 19 - CoExistindo_série entrEspécies. Praias de Espinho, Outubro 2024.	48
Figura 20 - CoExistindo_série entrEspécies. Praias de Espinho, Janeiro/ Fevereiro 2025.	48
Figura 21 - Explorações e mapeamento. Espinho, Maio- Agosto 2025.	49
Figura 22 - Exercício de paisagens Híbridas. 2025.....	55

Figura 23 - Ações de sensibilização e limpeza das praias do Concelho de Espinho / programa Bandeira Azul.	57
Figura 24 - Ações de sensibilização para a comunidade escolar, em contexto de auditório, com “espaço contaminado” de resíduos marinhos recolhidos nas praias em Espinho.	57
Figura 25 - Imagens do documentário Lixo Extraordinário do artista plástico Vik Muniz.	59
Figura 26 - Tony Cragg, Five Objects, 1980.	60
Figura 27 - Catalogação de resíduos marinhos recolhidos nas. Praias de Espinho.	61
Figura 28 - Kit de ativação das ações de sensibilização e limpeza do areal e outros espaços públicos. 2025.....	61
Figura 29 - Recolha de resíduos marinhos nas praias. 2024-25.....	62
Figura 30 - Trabalho de campo e sala. 2024-25.....	63
Figura 31 - Instalação e vídeo arte. ART ALIVE., Canelas, 10 a 14 de abril 2024.	64
Figura 32 - Instalações artísticas na praia Azul.em Espinho.....	65
Figura 33 - Intervenções artísticas nos sumidouros e sarjetas nas escolas e outros espaços públicos de Espinho.	66
Figura 34 - Janet Laurence, Ghost Glasshouse for lost botanical species- Private Collection 2003.	69
Figura 35 - Registos fotográficos de ervas espontâneas em espaço público para criação do Herbarium pessoal.	72
Figura 36 - Exposição experimental coletiva "Fora da Caixa", Galeria Cozinha FBAUP, 2024 [fotografia à direita @Ana Paula].	72
Figura 37 - Discursos produzidos sobre a problemática das ervas espontâneas no espaço público. 2024-25.	74
Figura 38 - Intervenção em Londres, Old Kent Road 2012-2013 e artigo do Telegraph: Gardening Against the Odds 2013: 'Gardening saved my family'.	76
Figura 39 - “ExperiênciaOficina Eu-Espécie”. 2025(imagem da criança @Sílvia de Sousa).	79

Figura 40 – “ExperiênciaOficina Eu-Espécie”. BioBlitz Serralves, Abril 2025.....	80
Figura 41 - Kit de ativação “Eu-Espécie”. 2025.	80
Figura 42 - Eco-Encontros à Beira-Mar!. Praia Frente Azul-Espinho, 2023.....	81

1. Introdução

Caminhar...respirar...ativar o deslumbramento de um novo olhar...para dentro
e para fora...água...música que ressoa e vibra...

Natureza que acolhe, lembra que és feito dela, parte do seu ciclo eterno.

Natureza que convida ao simples:

ser, estar, pertencer

uma entrega silenciosa ao momento presente.

Integração como raiz que encontra o solo, coexistir.

Exercício livre de escrita criativa

EntrEspécies pretende ser um espaço a explorar compreendido *entre* espécies animais ou vegetais, e que provém da constatação de que cada espécie não vive de forma isolada, mas sim na relação com o seu entorno e no cruzamento com outras espécies e nesse sentido procura-se entender como os seres humanos podem interagir com o meio circundante em modo de coabitação, percebendo que não são uma coisa e a natureza outra: **NÓS** somos **NATUREZA**! Ao recorrer ao pronome “Nós” permanece a consciência da impossibilidade de abrangência de todos os seres humanos, contudo, esta escolha pretendeu convocar a uma consciência partilhada da responsabilidade social e ecológica e não a de assumir uma posição de porta-voz da humanidade.

Assim interessa perceber a relação ecológica que compreende as interações entre diferentes seres vivos e de que modo é que estes se afetam mutuamente. Existem grupos de espécies organizadas de acordo com estruturas hierarquizadas, outras interações baseiam-se na entreatajuda mútua para benefício comum, outras ainda baseiam-se na questão da sobrevivência e não sendo pretensão do presente estudo aprofundar cientificamente os diversos tipos de relações importa aqui compreender efetivamente na experiência do dia a dia, como se cruzam as diferentes espécies em contextos urbanos ou não, e que impactos têm vindo a ser evidenciados dessa coexistência

espacial. Apercebo-me que tem havido um aumento significativo de gaivotas que habitam a cidade, em movimentações desenfreadas e ruidosas. Sendo Espinho uma cidade à beira-mar, não era habitual acontecer que, no centro da cidade, permanecessem tantas aves marinhas. A questão a colocar nesta alteração de movimentos na cidade é: qual a causa para tal mudança na permanência de determinadas espécies em lugares onde, anteriormente, não era habitual fixarem-se? Presumo que a resposta, pela observação quotidiana do espaço urbano, seja esta: lixo. Estará o ser humano a produzir e empilhar mais resíduos urbanos do que habitualmente se havia constatado, em consequência do consumismo desenfreado e de uma sociedade voltada para a descartabilidade? Sendo a natureza um todo que envolve espécies, paisagem e fenómenos naturais, que novas paisagens estão a ser produzidas nos espaços urbanos e naturais, de que modo afetam as espécies e que fenómenos poderão estar a produzir?

Dessa relação *entre*, resultam mais questões na presente investigação:

- *EntreEspécies*...quem invade quem, neste pequeno planeta chamado TERRA?
- De que modo podem as práticas pedagógico-artísticas ser um recurso de expressão e exploração de problemáticas ambientais?
- Quais as estratégias processuais para o desenvolvimento de um trabalho eco-artístico, no espaço público?

Num processo de constante edificação do solo ou de interferência em espaços naturais resulta uma mudança nos hábitos, costumes e rotas dos seres que aí habitam.

Como reflete Joana Bértholo no livro *Natureza Urbana* refere:

Reconhecia agora a cidade como um lugar excepcional para os animais: desperdiçamos comida nos contentores onde se banqueteam; o nosso afã acumulado produz calor com que se aquecem; e as nossas construções, sobretudo as suas ruínas e catacumbas, são refúgios onde se resguardam. Além do perigo que

são os humanos, na cidade não deve haver grandes predadores. Eu, se fosse um animal, também escolheria viver aqui. Ou melhor, eu sou um animal, e escolhi aqui viver.¹

As paisagens modificam-se assim como as vivências das mesmas. As espécies coexistem, readaptando-se às circunstâncias do momento, resistindo-lhes...ou pelos menos tentando...

A paisagem como um recorte de realidade pode ser vista como uma representação de algo concreto, ficcionado ou interpretado, mas acima de tudo é definida por quem a observa, através dos seus sentidos! A **natureza É**, e será sempre, independentemente da presença do ser humano. Pensar a mudança nas paisagens é pensar no modo como podemos ir transformando o entorno. Mas estes nunca deixarão de o ser.

A observação da paisagem constitui um modo significativo de perceção da degradação do ambiente físico. Ainda que esse olhar seja atravessado por elementos de subjetividade, pode revelar indícios importantes sobre as prioridades e preocupações de uma comunidade, em relação ao seu território. Nesse sentido, a paisagem pode funcionar como um espelho das dinâmicas locais, refletindo tanto os impactos ambientais quanto os valores atribuídos ao espaço vivido.

¹ Joana Bértholo, *Natureza Urbana*. Lisboa: Relógio D'Água Editores (2013: 36)

Anne Cauquelin escreve:

Parece, então, que a proposição segundo a qual a noção de paisagem e sua realidade captada são de facto uma invenção- um objecto cultural sedimentado, tendo a sua função própria, que é a de garantir permanentemente os quadros da percepção do tempo e do espaço-, seja hoje em dia veementemente exigida e presida a todas as tentativas de “repensar” o planeta enquanto eco-socio-sistema.²

Conforme referido, a paisagem pode ser vista de acordo com o modo como entendemos ou representamos o ambiente que nos rodeia. Segundo Cauquelin, a paisagem não deve ser entendida como uma realidade objetiva, mas sim como uma *invenção* — uma construção cultural e histórica resultante de processos de percepção e representação desenvolvidos ao longo do tempo. Nesse sentido, a paisagem tal como a concebemos e apreciamos na contemporaneidade é fruto de uma interpretação do mundo, moldada por contextos sociais, estéticos e simbólicos. Assim, mais do que um dado natural, a paisagem revela-se como um produto da relação entre o sujeito e o espaço, enraizada na experiência sensível e nas narrativas culturais que a configuram.

Como criação humana, formada pelo modo como os indivíduos e as culturas escolhem ver, organizar e valorizar o espaço ao seu redor é, especialmente no contexto ocidental, a partir do Renascimento, que a ideia de *paisagem* começa a ganhar uma nova forma na arte, na literatura e no pensamento filosófico. A natureza começa a ser vista não apenas como um conjunto de elementos naturais, mas como algo que pode ser representado artisticamente, movimentado e contemplado.

Um dos grandes nomes da arte contemporânea portuguesa e pioneiro da arte ecológica em Portugal, Alberto Carneiro, compreendeu a imagem da natureza não como uma representação externa, como algo que se observa de fora, mas como uma vivência

² Anne Cauquelin, *A Invenção da Paisagem*. Lisboa: Edições 70, LDA (2021:10-11)

interior, algo que se experiencia com o corpo, o espírito e o pensamento. Considerava que natureza e ser humano eram partes de um mesmo organismo vivo e, essa ideia percorre toda a sua obra.

A sua abordagem artística partia de uma visão poética e ecológica da Terra, com respeito profundo pela matéria viva, pela energia dos elementos naturais e pela memória ancestral inscrita na paisagem. Através da exploração artística da paisagem e da natureza, o artista procurou criar uma experiência sensível que reconciliasse o espectador com a Terra: não apenas representar a *natureza*, mas incorporar e vivê-la diretamente na prática artística. A paisagem mediava um conjunto de relações: entre o ser humano e a terra, entre o corpo e o espaço, entre a memória e o tempo.

A minha obra é o lugar ou lugares onde acontece o encontro estético dela com o seu espectador³

Não se trata apenas de intervir no espaço natural, mas de escutar, viver e integrar a *natureza* no ato criativo.

³ Catálogo *Arte Vida / Vida Arte*, Alberto Carneiro. Fundação de Serralves, Porto (2013:27)



Figura 1 - Exposições de Alberto Carneiro visitadas pela própria.

Na figura 1 são apresentados registos fotográficos de duas exposições do artista visitadas: *Um campo depois da colheita para deleite estético do nosso corpo*, CGD Porto 2017 (imagem esquerda) e *Paisagens Imaginadas sobre recordações de paisagens com uma imagem do teu ser imaginante*, Serralves 2013 (duas imagens da direita)

Na continuação da exploração de diferentes modos de interpretar a paisagem, destaca-se uma oficina dinamizada em contexto laboral, em 2012, no Parque de Serralves, enquanto prática educativa voltada para a exploração da percepção de paisagem. Esta atividade integrou o BioBlitz Serralves, evento pedagógico de referência na educação e sensibilização para o Ambiente, a Biodiversidade e a Sustentabilidade. A oficina teve como objetivo promover uma experiência imersiva que estimulasse a observação atenta do espaço natural, reforçando a importância da percepção sensível da paisagem, como ferramenta para a consciencialização ecológica.



Figura 2 - A NATUREZA é uma ANIMAÇÃO!, BioBlitz. Parque de Serralves, Maio 2022.

A Natureza é uma Animação! foi concebida, em contexto laboral, como uma prática educativa que propôs um modo alternativo de olhar a paisagem e a biodiversidade do Parque de Serralves, através do movimento e da sobreposição de imagens. Inspirando-se no contexto cultural local de Espinho, nomeadamente na forte presença do cinema de animação na cidade, que acolhe no mês de novembro, o Cinanima, o mais antigo festival internacional de cinema de animação, a oficina procurou integrar esse património imaterial no exercício de sensibilização ambiental. Os participantes foram convidados a construir o seu *taumatrópio*, um brinquedo ótico que ilustra a teoria da persistência da retina e representa, de forma simples, as origens do cinema. Através desta atividade, reinterpretaram criativamente as paisagens e as espécies do parque, traduzindo, em imagens em movimento, a sua perceção pessoal do ecossistema local. A oficina revelou, assim, o potencial da expressão artística como instrumento de educação ambiental, promovendo uma leitura sensível e ativa da natureza.

Acabou-se de descrever uma atividade que exemplifica um modo de representar a paisagem natural de determinado local.

Importa agora compreender, artisticamente, como reage o ser humano perante a perceção da mudança das paisagens. A fotógrafa e historiadora de arte polaca Ligia Poplowska abordou problemáticas contemporâneas essenciais na 3ª edição da Bienal de Fotografia do Porto intitulada Bienal'23 Atos de Empatia. Os projetos *Fading Senses* e *Sensitive Territories*, cujo campo de atuação importa à presente investigação, exploram

a relação entre percepção sensorial, ecossistemas e emoções humanas, oferecendo uma análise sensível e profunda sobre a interconexão entre o meio ambiente e os estados emocionais das pessoas. Os trabalhos de Popławska investigam como as percepções do ambiente mudam diante de alterações nos ecossistemas e refletem sobre o impacto dessas mudanças na experiência humana. Um dos focos centrais é o sentimento de “perda de lar”, que surge da degradação ou destruição dos ecossistemas como o exemplo abaixo visualizado na Figura 3.⁴ Esse tema está ancorado em dois conceitos emocionais: *solastalgia* e *luto climático*.

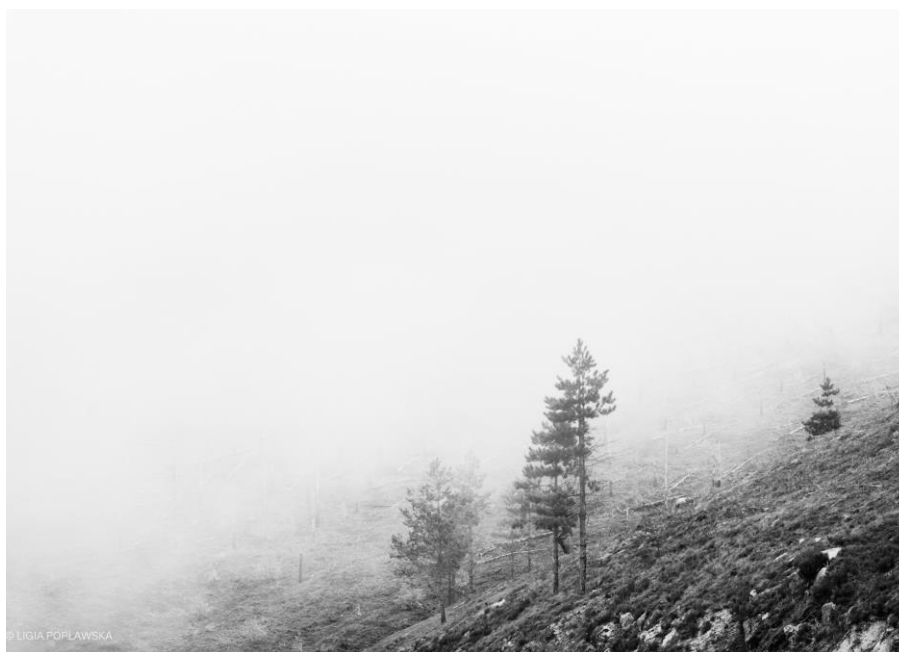


Figura 3 - Ligia Popławska, Sensitive Territories, 2023.

A *solastalgia*⁵, conceito lançado pelo filósofo australiano Glenn Albrecht, compreende a angústia emocional provocada pela deterioração ou transformação negativas de

⁴ <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/solastalgia>, acesso a 4 janeiro de 2025.

⁵ *Solastalgia*: Do inglês *solastalgia*, «idem», a partir do latim *sōlācium*, «consolo»+do grego *algos*, «dor», a partir de *[nos]talgia*, «idem»

ambientes familiares. “*Solastalgia* é a dor ou mal-estar causado pela perda ou falta de consolo e pela sensação de isolamento associada ao estado atual do lar e do território de uma pessoa.”⁶ É um estado de sofrimento psicológico que surge quando os seres humanos testemunham a destruição de ecossistemas que compõem o tecido emocional e cultural nas suas vidas. Para Albrecht, ao reconhecer a *solastalgia* como uma experiência coletiva e transversal, emerge a oportunidade de encontrá-la nos outros e procurar formas de a mitigar, promovendo um sentimento de pertença e conexão com o lugar. Esse esforço envolve abordagens, como a criação de um sentido endêmico do lugar, promovendo práticas que conectem as comunidades aos ecossistemas locais: reconhecer e celebrar a singularidade de um lugar pode ajudar a restaurar o vínculo emocional das pessoas com seu entorno, mediar a empatia e ação comunitária, impulsionando projetos comunitários de recuperação ambiental como por exemplo, reflorestação, revitalização de espaços degradados e preservação e conservação de ecossistemas, promover a educação e sensibilização ambiental, com enfoque na importância dos ecossistemas locais e as consequências da sua destruição e no fortalecimento da conexão com a natureza, incentivando a práticas sustentáveis e a um olhar mais atento às mudanças no entorno. O conceito de *solastalgia* pode ser explorado através de múltiplas práticas artísticas assim como o entender de que modo são redefinidas as reações emocionais humanas perante a mudança da paisagem ou paisagens, que pode passar pelos movimentos migratórios.

Não haverá, na presente investigação, um desenvolvimento aprofundado a este tipo de movimentos, no entanto, fica referenciado que o antropólogo britânico Timothy Ingold,

⁶ Tradução livre da versão em Inglês: “*Solastalgia is the pain or sickness caused by the loss or lack of solace and the sense of isolation connected to the present state of one's home and territory.*”
https://www.researchgate.net/publication/5820433_Solastalgia_The_Distress_Caused_by_Environmental_Change, acesso a 4 de janeiro de 2025

mais conhecido por Tim Ingold, e que iremos abordar mais adiante, reflete sobre esta questão nos seus ensaios em *Estar Vivo, movimento, conhecimento e descrição*:

Todos os organismos vivem e crescem em determinado ambiente e, em qualquer fase do seu desenvolvimento, os impactos ambientais podem levá-los a seguir por determinado percurso em detrimento de outro.⁷

A percepção de natureza e paisagem e de algumas variações que as compreendem é importante para o prosseguimento desta investigação. Sendo esta apoiada num conhecimento/ percepção cultural, importa perceber como é que a mesma se processa, em diferentes culturas.

Para a construção de uma possível ecologia artística local, em espaços públicos, com abordagens entre arte, cultura ambiental e comunidade, torna-se necessário reaprender a olhar o entorno sob um ponto de vista múltiplo. Segundo Bruno Latour em *Políticas da Natureza*, “(...) o ambientalismo não é sobre crises da natureza, mas sim sobre as crises da objetividade”⁸. No contexto da obra deste autor, a modernidade construiu uma visão do mundo baseada na separação entre natureza e sociedade, onde a ciência é vista como uma forma objetiva e neutra de conhecer a natureza. Esta dualidade do olhar científico conduz à obtenção de um conhecimento da natureza que é independente das influências sociais, culturais ou subjetivas. O autor desafia essa noção ao introduzir a ideia de híbridos: entidades que combinam elementos naturais e sociais. Argumenta que

⁷ Tradução livre da versão em Inglês “Every organism lives and grows in an environment, and, at any stage of development, environmental impacts can prompt it to follow one course rather than another”

Tim Ingold. *Being Alive, Essays on movement, knowledge and description*. [S.L.]: Routledge (2011)

⁸ Tradução livre da versão em Espanhol “(...) el ecologismo no trata de las crisis de la naturaleza, sino de las crisis de la objetividad”.

Bruno Latour, *Políticas de la naturaleza*. Barcelona: Arpa (2024:14)

a ciência e a tecnologia não são práticas puramente objetivas e neutras, mas sim imbuídas em complexas redes de relações que incluem interesses sociais, políticos e económicos. Conclui-se, portanto, que a "objetividade" científica é, na verdade, uma construção social.

A preocupação com a natureza não pode estar dissociada da sociedade e a crise ambiental revela a interconexão e a interdependência entre humanos e não-humanos e expõe as limitações da ciência moderna em prever e gerir as problemáticas ambientais. A falha ao abordar eficazmente questões como a mudança climática, a perda de biodiversidade e a poluição revela uma crise na própria noção de objetividade, onde a ciência não se consegue apresentar como uma entidade neutra capaz de resolver esses problemas, segundo o autor.

Bruno Latour propõe uma nova forma de entender a objetividade que reconheça a participação de múltiplos atores, humanos e não-humanos, na construção do conhecimento. Isso envolve uma abordagem mais participativa e intersubjetiva, onde as diferentes vozes e perspectivas são integradas para criar um entendimento mais holístico e pragmático das problemáticas ambientais. Em *Políticas da Natureza*, o autor sugere uma nova forma de política que não separa o natural do social, mas que considera as interações complexas entre ambos. Esta nova política reconhece que as decisões sobre o ambiente são, inevitavelmente, decisões políticas que envolvem valores, interesses e negociação entre as diferentes partes.

A presente investigação pretendeu explorar o impacto do ser humano sobre o mundo natural e outras espécies, com ações/ intervenções eco-artísticas que permitam “ressoar” a uma consciência ambiental coletiva assim como estimular a reflexão e pequenas (grandes) mudanças comportamentais locais com vista ao coletivo global, com o devido cuidado na utilização deste agir local com vista ao global.

Bruno Latour explica este campo de atuação local vs global quando refere:

Os ambientalistas foram demasiado elogiados quando proclamaram o seu slogan “Agir localmente, pensar globalmente”. Ao conceberem a natureza como uma entidade global, não podem deixar de a conceber como algo que já foi composto, totalizado e instituído para neutralizar a política. Para pensar “globalmente”, seria necessário começar por descobrir as instituições através das quais a globalidade está a ser lentamente formada. Mas a natureza, como veremos, não quer submeter-se a este exercício.⁹

O que o autor pretende transmitir é que os ambientalistas ao proclamarem a ideia de "pensar globalmente", correm o risco de reforçar a noção de natureza como algo global, composto e instituído e que não necessita de ser discutido. Essa abordagem pode obscurecer os processos através dos quais o nosso entendimento da natureza é formado, ignorando as instituições, práticas e negociações que moldam essa compreensão e que não será certamente o propósito desse apelo. Ambos pontos de vista apresentam factos válidos e compreensíveis e uma vez que o meu trabalho profissional se insere numa instituição pública, é minha intenção desenvolver um modo de operar, no seio institucional, a par do individual, que vá ao encontro dessa escala amplificada, a partir do local. Para além disso, é importante compreender que as problemáticas locais são variáveis e diversificadas, pelo que as práticas a implementar, naturalmente, também o são. No entanto, mesmo com essas variações e/ou diferenças

⁹ Tradução livre da versão em Espanhol “*Los ecologistas fueron demasiado alabados cuando proclamaron su eslogan “Act local, think global”. Al concebir la naturaleza como un ente global, no pueden dejar de concebirla como algo que ya se ha compuesto, que se ha totalizado y se ha instituído para neutralizar la política. Para pensar “globalmente” haría falta empezar por descubrir las instituciones gracias a las que se forma lentamente la globalidade. Ahora bien, la naturaleza, como veremos, se resiste a someterse a este ejercicio*”.

Bruno Latour, *Políticas de la naturaleza*, Barcelona: Arpa (2024:24)

locais, pensar à escala global aproxima mais essa compreensão de atuação diversificada local para, no global, serem atingidos determinados objetivos governamentais, que poderão conduzir a uma melhor relação entre as diversas partes e a natureza. A cultura ambiental local urge tendo em vista os objetivos lançados pelas entidades competentes à escala global, como o são os objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS), por exemplo.

Para o desenvolvimento dessas ações, a escolha da palavra “ressonâncias” inspira-se na música e esse é o objetivo da prática da presente investigação: “Tocar” os diferentes públicos e deixar “entoar” as mensagens abordadas...através de práticas pedagógico-artísticas ambientais.

No capítulo **CoHABITando** abordam-se questões que tocam o modo como o ser humano se posiciona e percebe aquilo que o rodeia. A presença dos indivíduos nos lugares conduz à compreensão de não viver em modo isolado, mas sim através da relação tanto com os lugares atravessados como também com as outras espécies, quer animais, quer vegetais. Reflete-se sobre as diferentes perspetivas na relação do ser humano com a natureza e abordam-se diferentes modos de explorar o mundo ao redor, destacando-se o movimento do corpo pelo território, nomeadamente através do ato de caminhar de forma mais consciente e atenta, apurando múltiplos sentidos de exploração local.

De seguida no capítulo **Micro-Observâncias**, e na percepção de coabitarmos a mesma CASA, procura compreender-se como o modo de olhar as outras espécies animais se foi modificando e exploram-se ferramentas artísticas de compreensão da relação *entrEspécies*. Constata-se ainda como a noção de *desEquilíbrio* pode impulsionar a uma mudança de perspetiva e pode abrir novas possibilidades de relação no espaço que compreende o intervalo “entre”. Pensa-se ainda no estado de fluxo constante dos organismos vivos, ora em equilíbrio ora em desequilíbrio, como exemplo a seguir no modo como os seres humanos podem e devem seguir aquilo que lhes é inerente

enquanto parte integrante da NATUREZA: viver este estado de fluxo constante em comunhão com os outros *entres*. Pensa-se a prática artística como campo de exploração e experimentação das problemáticas de relação *entrEspécies*.

Por fim, conclui-se como a natureza é uma fonte de inspiração e aprendizagem para a humanidade e influencia tanto práticas culturais como também os avanços tecnológicos. Diante das mudanças e problemáticas ambientais globais, compreender que os modelos naturais podem ser resposta a inúmeras problemáticas é fundamental, assim como compreender como as estratégias eco-artísticas desenvolvidas no espaço público, em modo lúdico-pedagógico, podem promover a consciencialização e (re)educação ambiental.

Disponibilizam-se, ao longo do documento, alguns *kits* de ativação que permitam a exploração de alguns assuntos abordados na presente investigação.

1.1. Estratégias processuais

Será apresentada uma seleção de projetos individuais e coletivos, sendo estes últimos realizados em contexto laboral, enquanto programadora de projetos educativos eco-artísticos, no Município de Espinho, a que passo a destacar o programa Bandeira Azul, Eco-Escolas e BioBlitz em Serralves.

O programa Europeu Bandeira Azul- ABAAE (Associação Bandeira Azul de Ambiente e Educação) é um programa de educação ambiental que visa o desenvolvimento sustentável local e que em Portugal é promovido pela Associação Bandeira Azul. De acordo com o site oficial¹⁰, o seu raio de atuação compreende as praias costeiras, fluviais e lacustre, portes de recreio e marinas e embarcações de recreio e ecoturísticas e para que uma Bandeira Azul possa ser hasteada nos locais atrás descritos existe um conjunto de critérios que têm de ser cumpridos relacionados com informação e educação ambiental, qualidade da água balnear, gestão ambiental, segurança e serviços, responsabilidade social e envolvimento comunitário. É no primeiro e último critério obrigatório referenciado que, a presente investigação desenvolve e destaca um conjunto de práticas (re)educacionais, transversais a diferentes áreas do Município, e que dão resposta aos temas anualmente lançados pela associação. O Eco-Escolas é promovido pela mesma associação, no entanto desenvolve um trabalho de educação ambiental, na promoção e incentivo a ações e projetos, junto da comunidade escolar. Por último, o desenvolvimento de uma proposta anual para o evento em Serralves, BioBlitz, justifica-se pelo facto de o Município de Espinho ser um Município Lipor (entidade que faz a gestão dos resíduos do Grande Porto) e a programação do evento contemplar uma componente conjunta entre as equipas de Serralves, Lipor e seus Municípios associados. Segundo o site oficial de Serralves¹¹, este é um evento

¹⁰ <https://bandeiraazul.abaae.pt/>, acesso a 2 de agosto de 2024

¹¹ <https://bioblitz.serralves.pt/>, acesso a 2 de agosto de 2024

pedagógico e científico para a comunidade escolar e público geral, que através da educação e sensibilização para a biodiversidade, promove um melhor conhecimento e descoberta da fauna e flora do parque de Serralves. O papel dos municípios associados, neste sentido, é de atuação livre nas suas propostas, sendo possível propor práticas ambientais com identidade local como é o caso do exemplo apresentado no campo “Introdução” da presente dissertação.

O esquema metodológico que se segue, contém as linhas orientadoras base de implementação das ações, sendo que as metodologias utilizadas não são estanques, mas sim dinâmicas. Através da implementação das ações e projetos é no terreno, e no contacto com os outros, que se compreende a eficácia ou não das estratégias e metodologias a adotar.

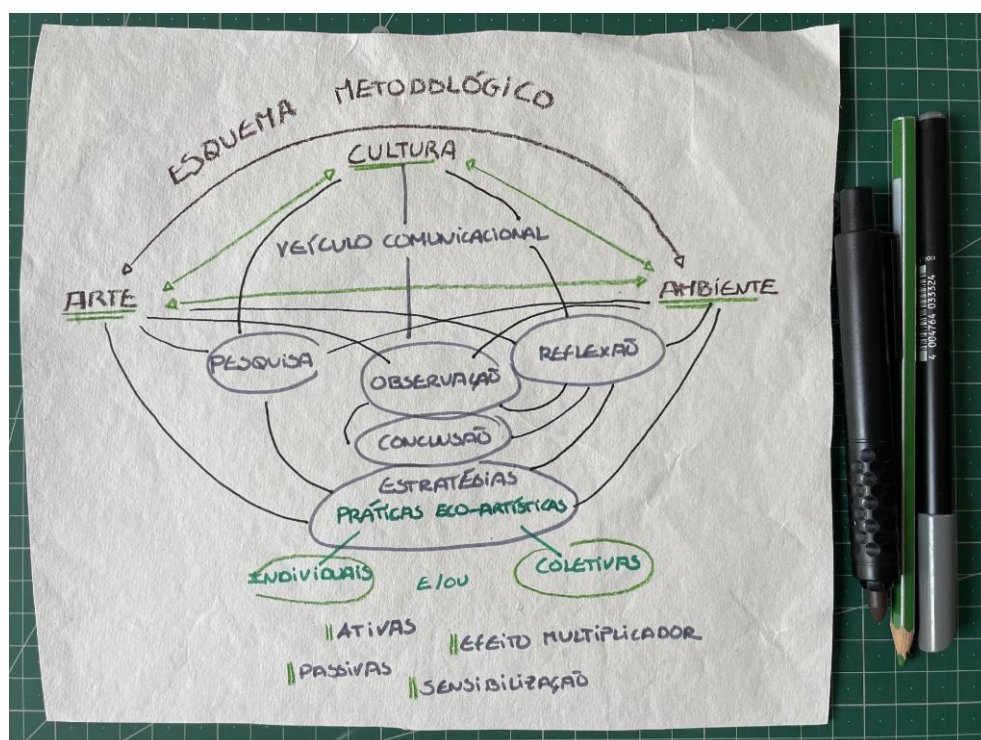


Figura 4 - Esquema Metodológico, baseado na normativa do programa Bandeira Azul.

Para o desenvolvimento das práticas eco-artísticas, tanto individuais como coletivas apoiei-me na metodologia exigida na plataforma do programa Bandeira Azul com que, anualmente, tenho vindo a trabalhar, ao qual tenho obtido resultados muito eficazes junto das práticas aplicadas no espaço público e que consiste em planear e programar ações e projetos com foco em 4 modos de relação com o público: **modo ativo** que contempla a participação e/ou colaboração do público/participantes, **modo passivo** em que o público não tem intervenção direta nas ações e pode usufruir de forma passiva, das mesmas, como por exemplo a visualização de uma peça de teatro, o **modo multiplicador** em que se pretende passar conhecimento ou experiência a elementos representativos de determinado grupo ou comunidade, para que, adquirindo as ferramentas e conhecimento necessários, possam replicar posteriormente junto dos restantes elementos constituintes e por último em **modo de sensibilização** que pode integrar, também, os restantes modos.

O mapa de conteúdos procurou revelar algumas ideias base permitindo a visualização e estruturação do processo de pensamento que sustenta a presente investigação.

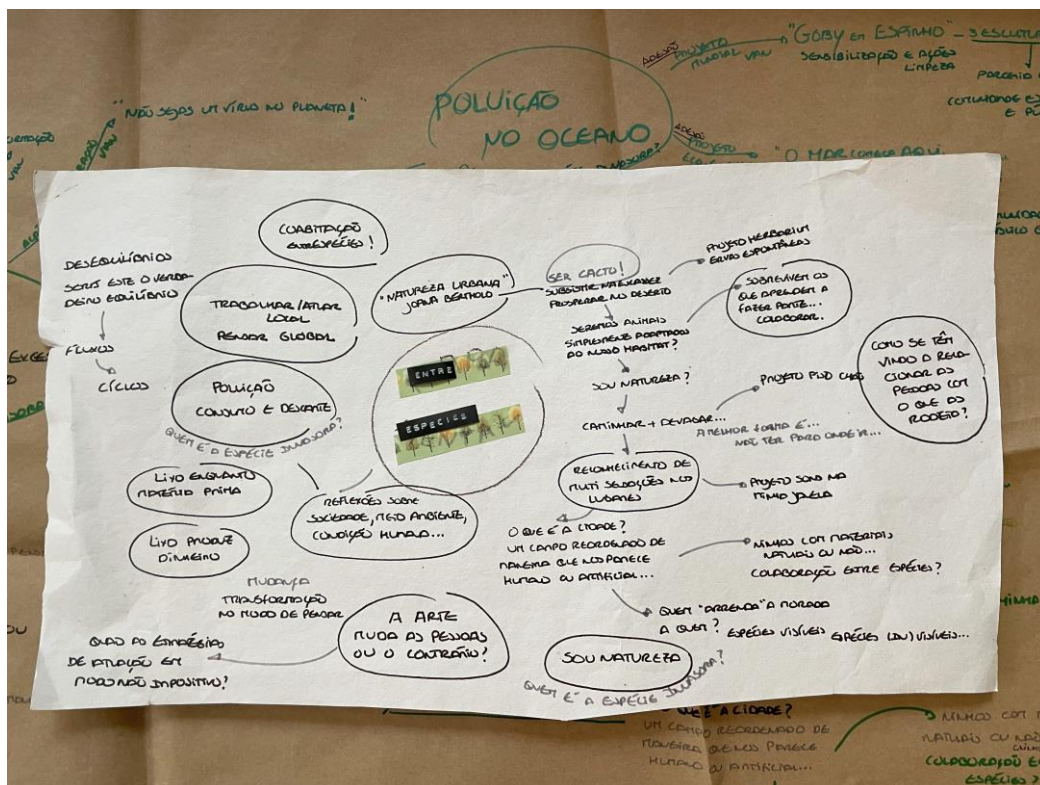


Figura 5 - Exercício de Brainstorming.

Este mapa pretendeu facilitar a identificação de conexões entre os diversos temas a explorar, possibilitando a escolha e organização das ideias para a escolha da narrativa a ser explorada, para a construção do percurso investigativo.

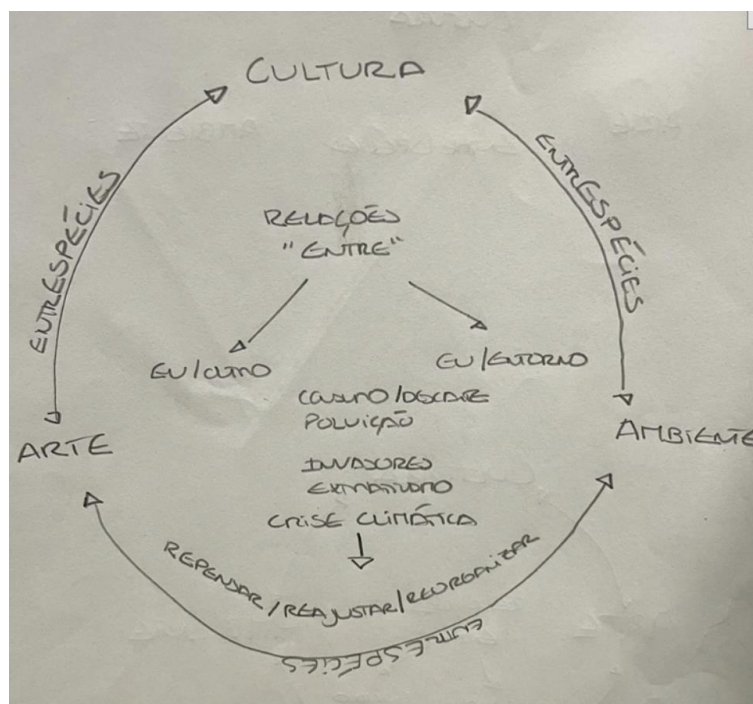


Figura 6 - Diagrama Circular Orientativo.

Este diagrama propõe um percurso em forma de ciclo, onde o ser humano é visto não como um ser isolado, mas como parte de um todo.

O trajeto começa pelo **olhar** — primeiro o outro, depois a si mesmo — e seguem-se diferentes formas de ver e sentir o mundo. Convida-se a **caminhar com atenção**, a observar o entorno com total entrega e disponibilidade.

Nesse caminho, exploram-se as **relações com outras espécies**, com o **território** e com o **ambiente**. Cada passo é um convite a perceber como interagimos — muitas vezes de forma desigual — com tudo o que nos rodeia.

Neste percurso compreende-se a presença de espécies invasoras, reflete-se sobre práticas de extrativismo, consumo e descarte e poluição. Desequilíbrios.

Sobreviverá quem souber fazer parte?

Subentende-se a possibilidade de mudança: uma transformação no comportamento, guiada por princípios como reduzir, reutilizar, reciclar, reparar, regenerar — a chamada política dos R's a que destaco, por fim, os 2 R's com mais enfoque nas ações de sensibilização: repensar e recusar.

No fim (ou início), o diagrama aponta para estratégias eco-artísticas com vista a imaginar e construir novos modos de estar no planeta — com cuidado, criatividade e esperança.

Os diagramas e mapa de conteúdos foram, como referido atrás, importantes para a escolha do argumento e para o desenvolvimento da estrutura da investigação.

2. CoHABITAndo

2.1. Algumas reflexões sobre a coexistência *entrEspécies*

Acabamos de apresentar o conceito que move a presente investigação assim como, o percurso de pensamento que irá orientar o decorrer desta reflexão.

Neste subcapítulo pensa-se na relação *entrEspécies* e na relação com ou na natureza, relação essa que é complexa e multifacetada, moldada por múltiplas influências culturais, geográficas, filosóficas, religiosas, espirituais e/ou históricas.

Os seres humanos sempre dependeram da natureza para a sua sobrevivência, obtendo alimentos, água, abrigo e outros recursos naturais essenciais. Embora parte integrante dessa natureza, frequentemente a exploram com pretensões de dominação sem considerar conscientemente as consequências, a longo prazo: conflitos, degradação ambiental, perda de habitats, extinção de espécies e poluição.

Pensar "com a natureza", em vez de "sobre a natureza", implica reconhecer a copresença, a interdependência e a coevolução entre formas de vida, bem como a urgência de descentralizar o ser humano como medida de todas as coisas. Ao deslocar o olhar para esses “*entre-lugares*”, geográficos ou simbólicos, abre-se espaço para práticas que resistem à lógica instrumental moderna, e que valorizam formas plurais de existência e conhecimento.

Os modos de convivência e interdependência entre espécies humanas, não humanas, vegetais e outras formas de vida a partir da noção de *in-betweenness*, entendida como um espaço relacional, abre caminho a um território em constante negociação, onde as fronteiras entre os diferentes seres se interligam e novas formas de presença e escuta podem emergir. A partir do conceito de *third space* desenvolvido por Homi K. Bhabha, percebe-se que a noção de *in-between* ou “entre lugar” pode ser esse espaço ativo de interação e criação de novos significados. Este conceito, aplicado aos estudos contemporâneos pós-coloniais pelo autor, importa à presente investigação, pois

transpondo-o à crise climática que atravessamos marcada pelas alterações climáticas e por colapsos ecológicos, relembra a necessidade de compreender a importância nas interdependências *entrEspécies* e nos espaços de copresença e negociação. Assim entende-se que “*entre-lugares*” significa reconhecer a complexidade, a ambiguidade e a multiplicidade de relações que compreendem determinado contexto ou ecossistema.

Como refere o autor na sua obra *The Location of Culture*:

É na emergência dos interstícios - a sobreposição e a deslocação dos domínios da diferença - que são negociadas as experiências intersubjetivas e coletivas de nacionalidade, de interesse comunitário ou de valor cultural.¹²

Esse espaço entre em vez de acionar dicotomias estanques como natureza e cultura, sujeito e objeto, corpo e ambiente, humano e não humano, faz emergir zonas híbridas de coautoria, contaminação e aceitação mútua, onde os limites entre categorias são constantemente negociados.

Para Homi Bhabha, o terceiro espaço constitui uma forma de pensar o “*entre-lugar*” e reforça o raciocínio atrás descrito de expansão do conceito para pensar possibilidades de encontro *entrEspécies* através da arte, e que possíveis práticas eco- artísticas podem ser implementadas, em espaço público, que espoletem modos de resistência e reinvenção ecológica.

A abertura para espaços de possibilidades está presente também no conceito de liminaridade que tem origem na obra do antropólogo Arnold Van Gennet: *Les Rites des Passages* de 1909 e aprofundado e amplificado pelo antropólogo Victor Turner, que a partir do ponto de partida da repartição em três fases do ritual de passagem, pensa esse espaço como anti-estrutura, que, afastado das normas instituídas, promove a

¹² Tradução livre da versão em Inglês: “It is in the emergence of the interstices- the overlap and displacement of domains of difference- that the intersubjective and collective experiences of *nationness*, community interest, or cultural value, are negotiated”.
Homi Bhabha. *The Location of Culture*. London: Routledge (1994:2)

possibilidade de abertura a novas possibilidades. Este estado liminar manifesta, segundo o autor, a *communitas* que remete para uma vivência em igualdade. Sobre isto, o autor escreve:

O que existe de interessante com relação aos fenômenos liminares no que diz respeito aos nossos objetivos atuais é que eles oferecem uma mistura de submissão e santidade, de homogeneidade e camaradagem. Assistimos, em tais ritos, a um “momento situado dentro e fora do tempo”, dentro e fora da estrutura social profana, que revela, embora efemeramente, certo reconhecimento (no símbolo, quando não mesmo na linguagem) de um vínculo social generalizado que deixou de existir, e contudo simultaneamente tem de ser fragmentado em uma multiplicidade de laços estruturais.¹³

Estes conceitos importam à presente investigação pois transpondo-os à coexistência *entrEspécies*, reforçam a importância da reflexão sobre a condição contemporânea do ser humano *na* e *com* a natureza, uma vez já termos referido atrás que as dicotomias modernas se tornam cada vez mais insustentáveis. Turner continua:

A pedagogia da liminaridade, portanto, representa a condenação de duas espécies de separação do vínculo comum da “*communitas*”. (1974:129)

Pensar a liminaridade enquanto prática ecológica de coexistência é habitar a empatia pelo outro. Viver em *communitas*, para o autor, expressa uma vivência não hierárquica e espontânea que emerge na liminaridade.

Prefiro a palavra latina *communitas* à comunidade para que se possa distinguir esta modalidade de relação social de uma “área de vida em comum”. (1974: 119)

Suspende-se o antropocentrismo para refletir sobre a pluralidade de espécies em coexistência, tendo como base este modelo pensado para refletir sobre as sociedades

¹³ Victor W. Turner. *O Processo Ritual, Estrutura e Antiestrutura*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda [1969] (1974: 118)

humanas. É possível compreender que nenhuma vida se sobrepõe a outra e que uma convivência baseada no cuidado e escuta não invalida a singularidade ou apagamento de cada um.

Em muitas culturas tais como a cultura indígena e a cultura aborígene, a natureza é vista como sagrada, e práticas religiosas e espirituais envolvem rituais e cerimônias que celebram a conexão do ser humano com o mundo natural, enfatizando a importância de viver em harmonia com a natureza e reconhecer a interdependência entre todos os seres vivos.

Pretende-se refletir sobre como alguns exemplos de diferentes visões de mundo podem contribuir para a reconstrução de uma ecologia relacional, sensível e ética, onde o ser humano seja compreendido como parte de um tecido vivo maior.

Os aborígenes possuem uma visão cosmológica onde a natureza não é apenas um conjunto de recursos, mas uma entidade viva e sagrada. Muitas culturas aborígenes acreditam que elementos naturais como rios, montanhas e animais são dotadas de espíritos e habitados por ancestrais. Essa crença é muitas vezes expressa através do conceito de *Dreamtime* (ou *Tempo do Sonho*), uma era mitológica onde seres ancestrais criaram o mundo e estabeleceram leis naturais e sociais. A natureza é central nas histórias, músicas, danças e artes visuais aborígenes e a transmissão de conhecimento é feita oralmente através de histórias e aprendizagens, passadas de geração em geração. Bruce Chatwin em *O Canto Nómada*¹⁴ explora a ancestralidade dos povos aborígenes e os seus modos de mapear o mundo através do canto. Com profundo respeito pela terra, esta era vista como sagrada e deveria permanecer sem cicatrizes:

¹⁴ Bruce Chatwin, *O Canto Nómada*. Lisboa: Quetzal [1987] (2000)

Ferir a terra- respondeu num tom grave- é ferir-se a si próprio e, se outros ferem a terra, estão a feri-lo a si. A terra devia ser deixada intocada, como era nos tempos do Sonho, quando os Antepassados deram existência ao mundo pelo canto. (2000:21)

O cantar a terra como uma espécie de mapa que nos guia pelo território, invoca a uma viagem única de conhecimento local, onde a cada elemento natural percebido é associado um canto. Mais adiante o autor refere:

Os Aborígenes não conseguiam acreditar que o território existisse antes de o terem visto e cantado- exactamente como, no Tempo do Sonho, o território não existia até os Antepassados o terem cantado. (2000:25)

O livro explora ainda uma questão muito interessante ligada à *errância* dos aborígenes australianos, também aplicada a outros povos indígenas, ou seja, o modo de vida nómada que envolve a movimentação constante, de acordo com as mudanças sazonais e os ciclos naturais, na procura de recursos como alimento, abrigo, água. Esta movimentação aliada ao conhecimento profundo do território natural permite-lhes obter, de forma sustentável, os recursos disponíveis, respeitando os ritmos naturais dos territórios de passagem.

Na cultura ameríndia o conhecimento também se transmite pela oralidade e a visão da natureza sustenta-se no respeito, respeito este também aplicado aos seus ancestrais e outros membros da comunidade. Despojados de materialidade e profundamente espiritualizados, compreendem os elementos e as forças da natureza como sinais, dotados de alma assim como existe uma relação de igualdade com o entorno e com o reino animal em profunda comunhão e reverência.

Como refere Charles Alexander Eastman na sua obra *A Alma do Índio*¹⁵:

Não havia quaisquer templos ou santuários entre nós, excepto os da natureza.
Sendo um homem natural, o Índio era intensamente poético. (2005:32)

Este autor cresceu imerso na cultura, língua e tradições de um dos povos originários da América do Norte *sioux*, a que pertencia seu pai e cujo conhecimento foi transmitido pela avó no seio dos *Dakota Sioux*. Mais tarde foi enviado para as escolas missionárias e após formar-se, focou-se em servir tanto a sua comunidade nativa quanto a sociedade americana em geral, tornando-se num dos primeiros médicos nativos americanos a praticar medicina moderna.

Em *A Arte dos Sonhos* de Aristóteles Barcelos Neto¹⁶, valorizam-se epistemologias indígenas, compreendendo-se alternativas às dicotomias ocidentais entre natureza e cultura, sujeito e objeto, arte e espiritualidade. Esta obra manifesta uma contribuição etnográfica de enorme relevância para a compreensão das inter-relações entre as dicotomias atrás mencionadas, no contexto dos povos indígenas da Amazónia, com enfoque nos *Waiwai*, um povo do Alto Xingu que habita as regiões do norte do Brasil e da Guiana. A floresta, vista como principal espaço de vida e movimento, é compreendida como um território animado, povoado por entidades espirituais com as quais se estabelecem relações de troca, respeito e cuidado. A arte por eles produzida, através dos sonhos, não representa apenas o território físico, mas também a mediação com os seus habitantes invisíveis, materializando experiências sensíveis e espirituais do mundo. O sonho é, por isso, o meio de comunicação *entrEspécies* e a leitura desta obra demonstra a diversidade de mundos possíveis.

¹⁵ Charles A. Eastman, *A Alma do Índio, uma interpretação*. [S.l.]: Planeta Vivo (2005)

¹⁶ Aristóteles Barcelos Neto. *A Arte dos Sonhos, uma iconografia Ameríndia*. Lisboa: Assírio & Alvim (2002)

Os desenhos dos sonhos e dos transe indicam como os humanos pensam o seu lugar no mundo e como percebem as suas relações com as alteridades extra-humanas. (2002: 35)

Foram exemplificadas perspectivas mais holísticas que reconhecem a interconexão e interdependência entre todos os elementos do ecossistema natural. Existem, porém, visões utilitaristas que veem a natureza como uma fonte de recursos a ser explorada.

Inserida na visão utilitarista importa pensar o extrativismo, que é uma prática de extração de recursos naturais que podem ser de origem animal, vegetal e mineral e que, apesar de nela dependerem muitas pessoas como meio de subsistência, quando realizada de forma insustentável, pode causar sério impacto no meio ambiente, como desmatamento, degradação do solo, perda de biodiversidade e poluição. A abordagem aos territórios a explorar é uma problemática a acrescentar às já anteriormente referidas, caracterizada pelo desrespeito, opressão e invasão junto das comunidades locais. O documentário *Children of Jaguar*¹⁷ exemplifica o modo como, recorrentemente, são implementadas as abordagens, no caso para extração de petróleo, sem diálogo junto das comunidades indígenas, que se veem completamente invadidas no território e sem espaço para decisão. Povos que têm conhecimento profundo do lugar natural que habitam, lutam para manter as suas vivências físicas e culturais, manter o seu legado e transmitir aos seus descendentes, mostram que vivem da e com a natureza e que detêm uma voz ativa, junto das decisões políticas.

¹⁷ *Children of the Jaguar* (28min), 2012. Direção de Eriberto Gualinga <https://www.youtube.com/watch?v=Ma1QSmtuiLQ>, acesso a 28 de março de 2024



Figura 7 – Imagens do documentário *Children of the Jaguar*, de Eriberto Gualinga e Amnistia Internacional.

Ainda inserido no campo de visões utilitaristas é importante refletir, ainda que brevemente, sobre a evolução do ser humano e que, segundo Frédéric Lenoir em *Carta Aberta aos Animais*¹⁸ começa na revolução cognitiva e evolução do *Homo Sapiens*.

Rever as raízes simbólicas do distanciamento humano em relação às outras espécies é necessário para se repensar a ética das nossas relações com o mundo natural. Segundo o autor, este afastamento tem origem na transição do Paleolítico para o Neolítico, momento em que mudanças no modo de vida do ser humano ocorrem, do nomadismo à sedentarização, alteraram o pensamento coletivo na relação entre humanos e não-humanos. O pensamento mítico e religioso, inicialmente marcado pela sacralização da natureza, foi gradualmente substituído por uma lógica de apropriação e dominação, legitimando práticas de exploração animal e ambiental que perduram até aos dias de hoje.

O caçador-recolector nómada fazia parte do mundo natural e não se considerava nem radicalmente diferente nem superior aos outros seres vivos, ao passo que o agricultor sedentário desenvolveu um pensamento mítico-religioso que o converteu no senhor do mundo. (2025: 26)

¹⁸ Frédéric Lenoir. *Carta Aberta aos Animais (e aos que os amam)*. Lisboa: Quetzal [2017] (2025)

Com a revolução agrícola e a fixação territorial, ocorre uma mudança profunda na organização social e espiritual dos humanos. A domesticação de animais e o controle do ambiente conduzem à hierarquização, não só entre humanos, mas entre espécies. O humano enquanto “senhor do mundo” e ser superior apoia-se em motivos económicos para justificar a exploração!

Não é por acaso que a palavra dinheiro (*pecunia*) deriva de *pecus*, gado. Ser rico significava possuir gado. Usados nos trabalhos mais pesados (lavoura, transporte), os animais também eram criados para fornecer produtos úteis (lã e couro) ou alimentares (leite, ovos) e, obviamente, para serem consumidos. (2025: 29)

Refletir, ainda que brevemente, sobre a etologia, que é uma ciência que estuda o comportamento animal, incluindo o ser humano, é essencial para romper com o paradigma antropocêntrico que historicamente tem separado o humano do resto da natureza.

O conhecimento faz aumentar a empatia e impõe o respeito. (2025: 98)

Assim, o “conhecer” torna-se um catalisador de empatia, promovendo uma ética do cuidado e do respeito que não se limita à esfera humana, mas que se estende ao conjunto da comunidade viva, da qual fazemos parte. O mesmo se aplica a outros aspetos já referidos como a sensação de pertença a um lugar, por exemplo.

“Só se protege o que se conhece!” é uma frase muito conhecida e proclamada no panorama ambiental e evidencia a relação intrínseca entre conhecimento e responsabilidade ética. No contexto das relações *entrEspécies*, conhecer implica estabelecer um vínculo sensível e cognitivo com o outro. A ignorância, muitas vezes construída cultural e ideologicamente, facilita a indiferença e legitima práticas de violência ou exploração. Já o conhecimento a abordagens científicas como a etologia ou a práticas de escuta e convivência podem amplificar essa empatia pelo outro e reforçam o **conhecer** como primeiro passo para **reconhecer**. O reconhecer pode ativar o **proteger**!

À medida que a consciência ambiental aumenta, torna-se cada vez mais urgente valorizar a natureza e seus recursos, reconhecendo a sua beleza, diversidade e importância. Estes aspetos levam-nos a tomar medidas de conservação e preservação na tentativa de proteger os ecossistemas e garantir um ambiente saudável para as gerações futuras.



Figura 8 - PassaPalavra”, jogo de sensibilização e eco-oficinas. Praias do Concelho de Espinho.

Num momento em que 3 grandes aspetos estão na ordem do dia: alterações climáticas, perda de biodiversidade e poluição a pergunta que se coloca é: como temos vindo nós, seres humanos, a conviver com o que nos rodeia?

Segundo a palestra online promovida pelo Centro de Monitorização e Interpretação Ambiental (CMIA), no dia 18 de junho de 2024: *Estado de Emergência Climática, e agora? Mitos e (im)possibilidades*, proferida pelo doutor Pedro Macedo, do Centro do Clima da Póvoa do Varzim, temos vindo a sofrer consequências resultantes dos aspetos atrás referidos como, por exemplo, ao nível dos solos sendo que estes têm uma importância fundamental na retenção do dióxido de carbono! O território está em constante

mudança e a desertificação é uma realidade cada vez mais presente nos lugares, antes habitados...vividos!

Os oceanos ou, pensando de forma mais integrada, o grande Oceano do planeta Terra, é vital para a regulação da temperatura e para o fornecimento de oxigénio, uma vez que, cerca de 70% da superfície terrestre é constituída por água o que nos permite constatar que o grande Oceano, através das suas florestas marinhas, é a nossa maior fonte de oxigénio, é o maior pulmão do planeta! Seguido das florestas terrestres!

Pensar nisto e pensar que nós seres humanos somos maioritariamente constituídos por água permite constatar que de uma forma ou de outra tudo se interliga e é possível compreender as organicidades e interdependência *entrEspécies* e em que aspetos se tocam ou se afastam ou como se afetam ou não.

Embora o âmbito desta investigação não seja aprofundar as questões ambientais decorrentes da realidade planetária, é importante reconhecer estes aspetos porque ajudaram a compreender de que modo as estratégias pedagógico-artísticas podem ser desenvolvidas, com base em fundamentos científicos.

Refletiu-se sobre alguns exemplos de diferentes modos de relação e visão da relação do ser humano com a natureza.

Agora passamos à reflexão e compreensão do relacionamento do ser humano com o seu entorno.

2.2. Percecionando o entorno



Figura 9 - Pormenor quadro de exercícios/resposta ao Workshop de 3 abordagens espaciais. Sala MADEP, 2013.

Explorar um lugar mantendo os sentidos ativos é abrir um novo mundo de o olhar e vivenciar. Quando comecei a desenvolver as propostas para o presente mestrado, tomei consciência do quanto, desde pequena gostava de olhar e sentir o que me rodeia, com olhos de ver, sentir... ouvir... cheirar...

Acima de tudo tomei consciência do modo com que mais frequentemente me deslocava pela cidade onde nasci e habito, Espinho: bicicleta, deslocação a pé e menos frequentemente o carro. Em resposta ao *workshop* de 3 abordagens espaciais no espaço público lançado na unidade curricular de Projeto: performatividade, visualidade e espacialidade, com carácter aplicativo a partir de reptos discursivos que se expressem na manipulação de uma situação/espço concretos, comecei a registar os meus movimentos e outras formas de olhar e me relacionar com o espaço público.

Desse desafio surgiu um mapa possível de conteúdos explorados, na então sala do MADEP, e um conjunto de possíveis mapas de percursos, que passo a destacar nas imagens abaixo.



Figura 10 - Quadro de exercícios/resposta ao Workshop de 3 abordagens espaciais. Sala MADEP, 2013.

A experiência subjetiva de nos movermos pelos lugares, pode enfatizar a variação nas percepções e sensações dependendo do modo como escolhemos “ser movimento”. A relação entre tempo e movimento varia de acordo com modo como nos deslocamos e influencia profundamente a nossa experiência e percepção dos ambientes ao nosso redor.

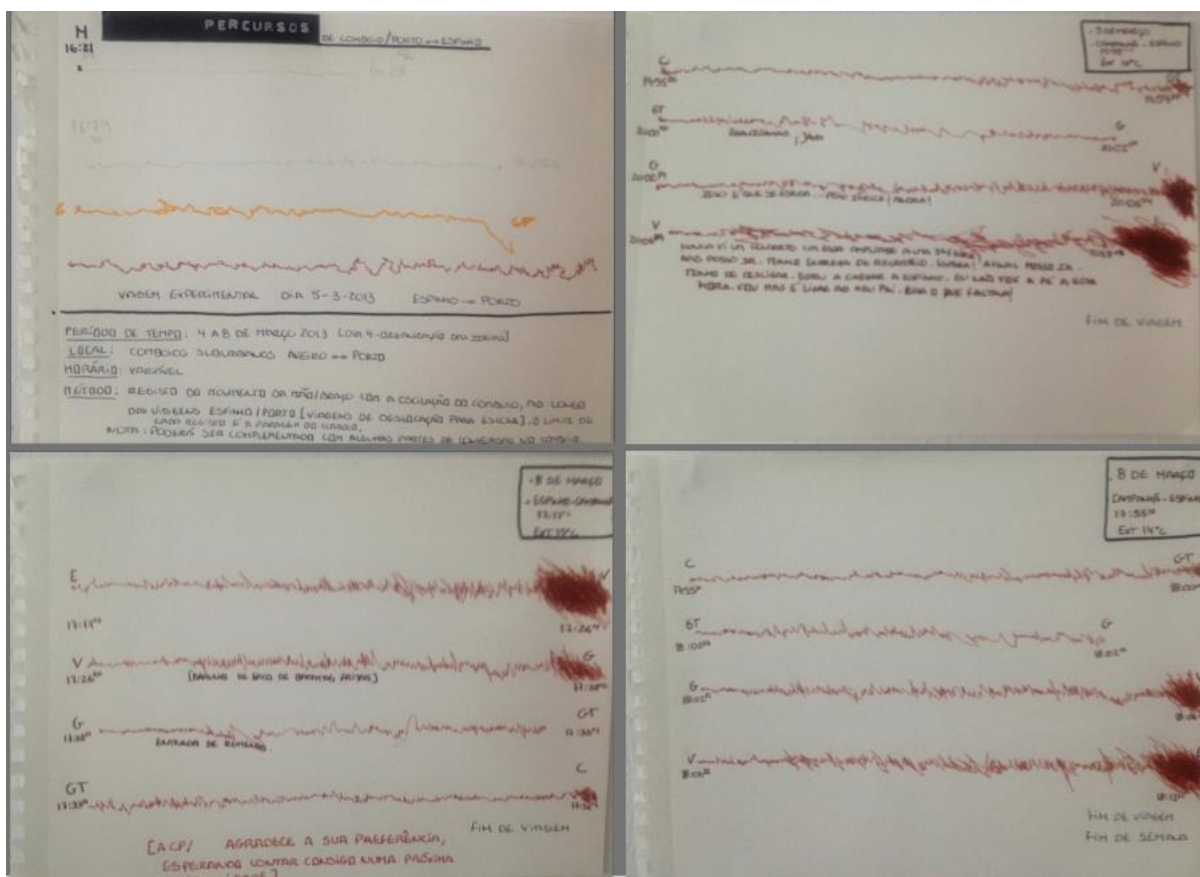


Figura 11 - Registo de movimento da mão/braço durante as viagens de comboio Espinho-Porto-Espinho 2013

Neste exercício, foram realizados diversos registos com canetas em bloco de papel, durante as deslocações de comboio Espinho-Porto, resultantes do movimento contínuo da mão e braço. Esses gestos performáticos foram realizados na tentativa de materializar, plasticamente, a vibração do corpo em trânsito. A partir de variáveis como movimento, ritmo e corporalidade pretendeu-se refletir sobre o impacto da ação, no modo como o corpo se inscreve no tempo e no espaço. O comboio, enquanto meio de transporte, traz ao exercício a cadência regular, o percurso delineado e a impossibilidade de controlo direto na experiência, colocando-me numa situação liminar entre passividade e ação/imersão.

No exercício que se segue, foi realizado um mapeamento sensível de poças de água, ao longo de um percurso específico, na cidade de Espinho: trajeto da saída do comboio até ao local onde habito.



Figura 12 - Mapeamento de poças de água sobre mapa da cidade de Espinho. 2013

Materiais: fotografias, papel vegetal, etiquetas papel e Dymo sobre mapa da cidade de Espinho.

Esta prática propôs reconfigurar o olhar sobre o espaço urbano, ao privilegiar elementos que, no dia-a-dia, frequentemente se tornam invisíveis, à nossa passagem. Ao focar a atenção nas poças de águas, novas possibilidades de leitura e percepção do território podem surgir. Esses espelhos temporários, formados pela acumulação de água pluvial, operam como dispositivos óticos que “abalam” a visão habitual da cidade, fornecendo novos ângulos de percepção do entorno e revelando detalhes subtis que podem ter escapado. A experienciação de um percurso habitual ganha novos contornos, através da escuta visual do entorno que convida a apreender o habitualmente não apreendido.

Abre-se espaço para o surgimento de pequenos desvios, descobertas e micro-narrativas que permitem ressignificar a vivência dos trajetos quotidianos.

Estes exercícios são importantes para testar diferentes modos de repensar a nossa relação com o que nos rodeia.

Pensar na presença do corpo físico como território permite refletir sobre a nossa relação connosco, com os outros e com o mundo ao nosso redor, reconhecendo o corpo como um espaço vital de experiência, identidade, política e ecologia.

O corpo visto como um território físico, para a presente investigação, pressupõe pensar nele como um ecossistema que contém um conjunto de relações de interdependência, ou um espaço atravessado de vivências e paisagens internas e interligações com o ambiente ao seu redor. Visto como um território geográfico, o corpo possui fronteiras e uma complexa rede de sistemas internos que mantêm o seu funcionamento e sua integridade. Também pode ser visto como um território pessoal e identitário. É através dele que experienciamos o mundo e manifestamos a nossa identidade. Cada corpo é único, carregando marcas, histórias e experiências que contribuem para a construção de quem somos. Nesse sentido, o corpo é um território onde se desenrolam as narrativas pessoais, um espaço de memória e identidade.

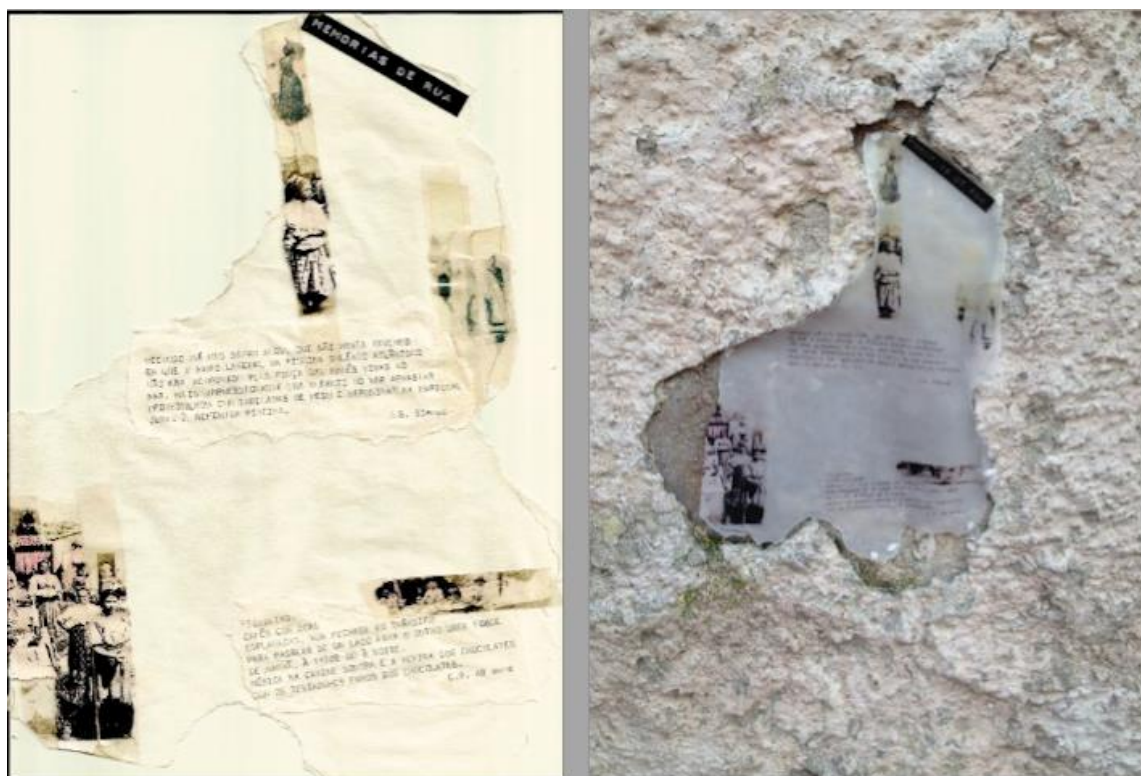


Figura 13 - Memorando#1 – intervenção em paredes degradadas da cidade. 2013.

Materiais: papéis diversos, fotocópias de fotografias, etiqueta Dymo sobre paredes degradadas.

Em *Memorando* foram exploradas questões ligadas à memória dos lugares, neste caso das ruas, através da recolha de imagens antigas da história local de Espinho, para posterior reorganização e ressignificação, real ou imaginária. A colocação das novas narrativas no vazio das paredes degradadas pretendeu, de forma simbólica, presentificar o passado, com alguns apontamentos de irrealidade, para reativação de lembranças e memórias coletivas, junto dos transeuntes.

A presença de cada corpo, com tudo aquilo que carrega, componente fisiológica, psicológica, emocional e espiritual, nos espaços, transforma esses lugares em territórios de experiência. A forma como nos movemos, sentimos e interagimos com o ambiente, configura um território sensorial e percetivo único. Esse território é dinâmico, moldado pelas nossas ações e reações, criando um espaço de vivência que é individual e coletivo ao mesmo tempo.

Se a tudo isto juntarmos a possibilidade de o corpo ser visto como um território político e social acrescentamos dinâmicas contidas no mesmo de: poder, controle, resiliência, reconhecimento, identidade e/ou resistência. Acrescentando o pensamento do corpo como sendo um território ecológico é pensar que o corpo é parte integrante de um ecossistema maior. A saúde do corpo está interligada à saúde do ambiente, e as nossas práticas corporais impactam e são impactadas pelo meio ambiente. Viver de maneira integrada e consciente com o nosso corpo pode promover uma relação mais harmoniosa com o planeta.

Importa pensar, na presente investigação, o corpo em movimento pelo território, ou seja, interessa pensar o ato de caminhar como prática do dia a dia e como pode essa prática, se realizada de forma menos mecanizada e sim mais orgânica, consciente e integrada, transformar-se num ritual de descoberta e experimentação abrindo a possibilidade de compreensão e encontro *entrEspécies*.

Urge sentir, com tempo, os lugares e as outras espécies que também o habitam de modo mais atento, empático e integrado. Urge o ser humano ter tempo para simplesmente ser, estar.

"Encontrar tempo dentro do tempo" é uma frase de João Fiadeiro, coreógrafo, artista e investigador que incita ao questionamento de como podemos encontrar estratégias para redescobrir esse "tempo", no agora, quando a sociedade em que nos encontramos inseridos está organizada de modo a não nos permitir tê-lo. No contexto da sua investigação em torno da Composição em Tempo Real, pode ser percebido que o artista não compreende o tempo como um dado fixo e linear, mas sim como um espaço de acontecimentos com a capacidade de abrir uma pausa mínima entre estímulo e resposta, pausa essa não vista como inerte, mas sim como emergente. A essa possibilidade de estado de atenção Fiadeiro chama de "estar vivo" como sendo um estado de corpo disponível à imprevisibilidade do encontro. Encontra-se assim um outro modo de explorar o "estar vivo" tal como foi visto atrás com Tim Ingold.

Neste excerto de uma entrevista performática realizada na 7ª Mostra Internacional de Teatro de São Paulo *Pedagogo em jogo*, por João Fiadeiro e Maria Fernanda Vomero:

- Este aqui é o João. João Fiadeiro, português, nascido em Paris (durante o exílio dos pais, ativistas políticos), coreógrafo e pesquisador através da arte. O João costuma dizer que tudo o que faz como artista serve para investigar o “estar vivo” e reconhecer as propriedades e as possibilidades que existem a cada momento de colisão com o mundo¹⁹

Abre-se espaço à compreensão de que esse momento de colisão é muito interessante pois possibilita uma possibilidade do habitual passar a questão. Pode ser visto como uma possível estratégia de encontrar o tempo dentro do tempo: nesse espaço entre hábito e criação escolher estar presente no presente, exige uma suspensão do automatismo e a criação de espaço para o inesperado.

Partindo deste raciocínio, a arte pode funcionar como uma espécie de laboratório do tempo onde se treinam formas de habitar o instante com atenção, cuidado e invenção.

Essa abordagem ressoa com práticas eco-artísticas que podem permitir uma reconfiguração do tempo. Através de caminhadas performativas, práticas de escuta atenta ou ações de relação com espécies não-humanas, essas estratégias podem propor uma ecologia do instante, onde a arte se torna mediadora de temporalidades alternativas: menos orientadas à eficácia e mais ao acontecimento.

Rebecca Solnit, escritora, historiadora e ativista norte-americana, no seu livro *Wanderlust*, interpreta o ato de caminhar como uma exploração estética do território:

Transformar uma caminhada numa investigação, num ritual, numa meditação, é um subconjunto especial da caminhada, fisiologicamente semelhante e filosoficamente diferente da forma como o carteiro traz o correio e o empregado de

¹⁹ <https://mitsp.org/2020/entrevista-performatica-com-joao-fiadeiro/>, acesso a 19 junho de 2025

escritório chega ao comboio. O que quer dizer que o tema do andar é, em certo sentido, sobre a forma como investimos atos universais com significados particulares, do erótico ao espiritual, do revolucionário ao artístico.²⁰

Caminhar envolve todos os sentidos e pode ser uma forma de explorar a percepção e a presença do corpo no mundo. Atrás, com os povos aborígenes, havíamos percebido como estes adquiriam conhecimento do território, através do ato de caminhar e posterior mapeamento cantado. Solnit argumenta que caminhar significa mais do que uma simples locomoção humana: é uma forma de envolvimento com o eu e o entorno e pode abrir espaço para conexão com o meio ambiente e pensamento criativo, além de poder ser visto como uma forma de reivindicação do espaço, face a uma sociedade cada vez mais edificada e de circulação veloz.

Neste ponto da investigação importa voltar a Tim Ingold quando refere, nos seus *Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição*, que caminhar é um modo de *wayfaring*, ou seja, um modo de habitar o mundo que privilegia a experiência sensorial do percurso mais do que a deslocação, como meio de transporte, entre dois pontos: partida e chegada. O caminhar pode possibilitar a abertura a um espaço emergente, em movimento, para a descoberta dos outros e do entorno. Desta ideia estabelece-se ligação às reflexões de Rebecca Solnit que vê no ato de caminhar a possibilidade de um ato de consciência amplificado e que de acordo com a velocidade do movimento, pode possibilitar a percepção do mundo, de modo mais intimista e atento. Daqui compreende-

²⁰ Tradução livre da versão em Inglês “To make a walking into an investigation, ritual, a meditation, is a special subset of walking, physiologically like and philosophically unlike the way the mail carrier brings the mail and the office worker reaches the train. Which is to say that the subject of walking is, in some sense, about how we invest universal acts with particular meanings, from the erotic to the spiritual, from the revolutionary to the artistic.”

Rebecca Solnit, *Wanderlust-A History of Walking*. London: Verso [2001] (2002:3)

se o estado de escuta e presença de João Fiadeiro, na suspensão da urgência, para que neste intervalo possa surgir a abertura para o inesperado.

Inúmeros artistas recorrem ao ato de caminhar para enfatizar a conexão entre o corpo e o ambiente, criando experiências imersivas para si mesmos e para o público e, nesse sentido, passamos a exemplificar a prática de um artista, que explora o caminhar enquanto prática estética, ética e ambiental.

Hamish Fulton é um artista conceptual inglês, também conhecido como *walking artist*, que tem explorado as possibilidades artísticas da caminhada, transformando a experiência física e mental do caminhar na produção artística que explora a relação entre homem, natureza e tempo. Importa pensar o processo como já sendo a obra mais do que a necessidade da presença física de um objeto artístico, ou seja, enfatiza a importância do tempo, percepção e presença no ambiente natural e ao entender a caminhada como prática artística convida o público a reconsiderar o valor da experiência direta na natureza e da importância da reconexão com a mesma.

No projeto *31 Walks from Water to Water*, o artista cria um mapa com 31 percursos por ele percorridos, criando um mapa-dispositivo-convite à experiência/ exploração/ conexão da paisagem. Os percursos começam e terminam os seus trilhos entre pontos de água sendo, também, um alerta para a importância da preservação da mesma como se pode verificar na Figura 14 abaixo.²¹

²¹<https://artuk.org/discover/artworks/31-walks-from-water-to-water-19712010-made-in-western-europe-317517>, acesso a 16 de agosto de 2024

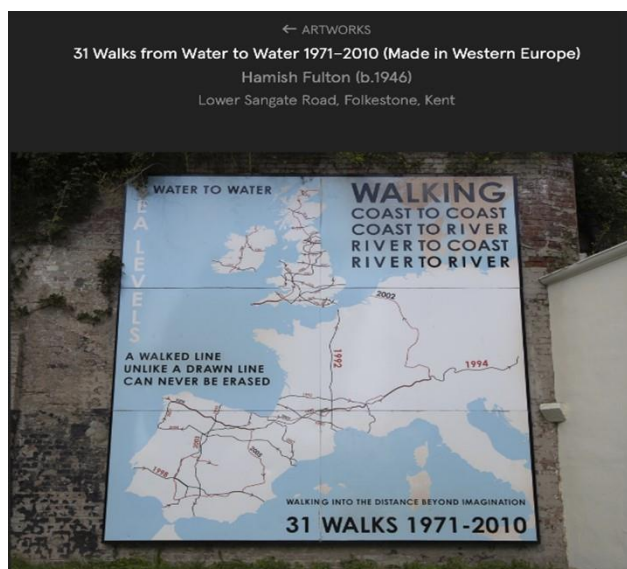


Figura 14 - Hamish Fulton, 31 Walks from Water to Water 1971-2010.

Desses percursos resulta um conjunto de registos que o artista foi produzindo, explorando conceitos como interconexão, fluxo e continuidade em que o elemento água se apresenta como diluidor de fronteiras.

O ato de caminhar pode ser visto como uma performance em si, onde o corpo em movimento no espaço se torna numa expressão artística possibilitando uma abordagem sensível e crítica a questões culturais, sociais e ambientais. Essa abordagem permite cruzar sensibilidade, presença e crítica às dinâmicas culturais, sociais e ambientais.

Exemplifiquemos esta abordagem com a artista brasileira Rivane Neuenschwander:

A artista apresentou em 2022 a sua primeira exposição individual em Portugal, organizada em torno do seu mais recente filme *Eu sou uma arara* (2022), em parceria com a cineasta Mariana Lacerda. Este trabalho resulta da pesquisa e de um conjunto de ações na cidade de São Paulo que pretendem dar voz à fauna e flora brasileiras, como proposta de reflexão crítica sobre o impacto do desmatamento na Amazônia e outras

problemáticas ligadas a questões políticas, a marcha das mulheres, movimento negro, dia do trabalhador e defesa das lideranças indígenas.

Como referem as artistas na entrevista realizada no *Serralves Talks: Ciclo de Conferências*²², este projeto é um exemplo de proposta de outras gramáticas sociais de ideias e conceitos no espaço público que não deixam ninguém indiferente e que, na posição e voz de cada espécie afetada pelas problemáticas associadas, se transforma numa manifestação de diversos seres da floresta, animais e vegetais. Através de uma contaminação do tecido social pela performance, de caráter melancólico, combativo e com forte carga sonora, a performance funcionou de modo eficaz na grandeza do coletivo.



Figura 15 - Rivane Neuenschwander "Sementes Selvagens", Serralves 2022-23.

²² <https://www.serralves.pt/ciclo-serralves/2209-rivane-neuenschwander-sementes-selvagens/>, último acesso 9 de julho de 2024

Passamos agora a um outro tipo de percurso através de uma proposta de projeto em resposta a um desafio lançado no âmbito do Mestrado, que compreendia conceber uma proposta artística para o Parque das Águas do Porto. A proposta deveria partir de uma atitude analítica e crítica em relação ao espaço, com especial atenção às dinâmicas naturais e infraestruturais que compõem o sistema hídrico da cidade. Assim, o ponto de partida para o desenvolvimento deste projeto implicou uma reflexão em torno de conceitos como circulação, conexão, poesia, vida, tecnologia, ciência, ecossistema e futuro, temas que, embora diversos, convergem na complexa rede simbólica e material da água como elemento vital. Neste contexto, o projeto *Caminhos da Água Interior* foi concebido enquanto convite para uma experiência sensorial e meditativa que promove um olhar para dentro, para o corpo e para a escuta interior, reconhecendo a condição humana como intrinsecamente ligada aos fluxos da natureza.

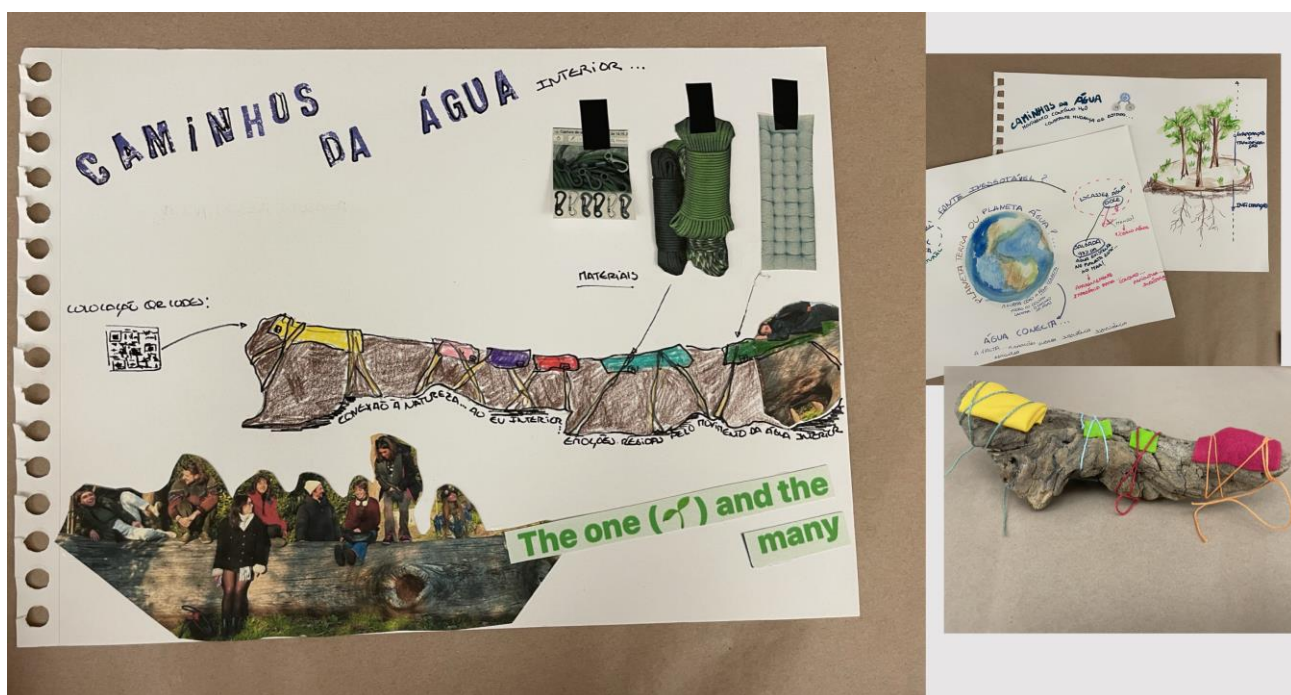


Figura 16 - Estudos para o projeto *Caminhos da Água Interior*. 2024-25.

No parque das águas, onde a memória hídrica da cidade é preservada em fontes e vegetação exuberante, o projeto procura fazer emergir as águas interiores dos visitantes, por meio de frequências sonoras. Através da escuta ativa, propõe-se uma experiência sonora vibracional convidando cada participante a desacelerar, permanecer e vibrar em sintonia com o que o rodeia. O parque torna-se num território de cura, presença e reconexão com os ciclos naturais, onde se cultivam práticas de atenção e silêncio. Mais do que um momento artístico isolado, a proposta pretende invocar uma vivência que possibilite prolongar o momento vivido, fortalecendo vínculos afetivos e ecológicos entre corpo e paisagem.

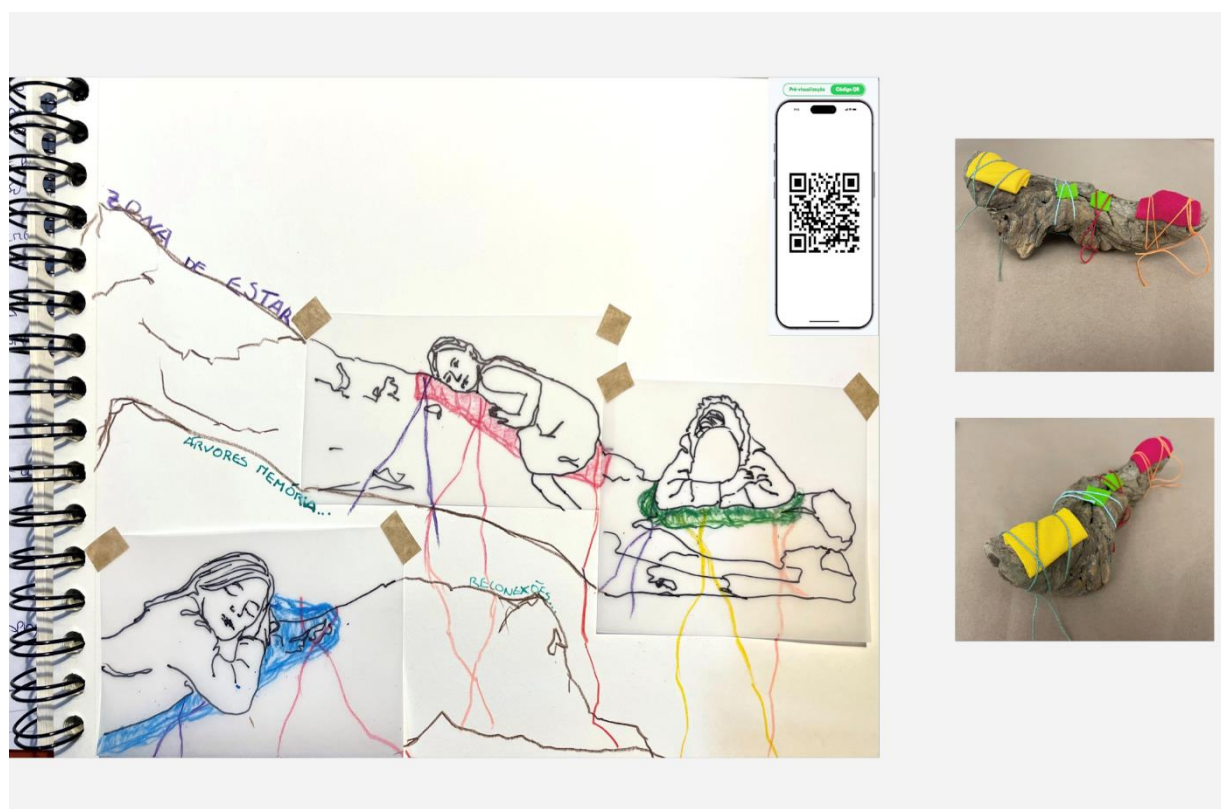


Figura 17 - Estudos para o projeto *Caminhos da Água Interior*. 2024-25.

A partir do caminhar e do modo como vários artistas trabalham o ato de caminhar nas suas práticas artísticas, a presente dissertação avança para as micro-observâncias, assemelhando-se a um zoom na lente, para compreender a presença das várias espécies no território e como se afetam entre si ou no seu entorno.

3. Micro-Observâncias

A forma como escolhemos olhar para o mundo ao nosso redor influencia não só a nossa compreensão do ambiente e das relações que nele existem, mas também revela muito sobre quem somos e como nos relacionamos com esse mundo.

John Berger refere que "(n)unca nos limitamos a olhar para uma coisa: estamos sempre a olhar para a relação entre as coisas e nós mesmos"²³. Esta citação é muito pertinente, pois subentende que o nosso olhar nunca é neutro; estamos constantemente a contextualizar as coisas em relação a nós mesmos e ao ambiente que nos rodeia.



Figura 18 - CoExistindo_série entrEspécies. Praias de Espinho, 2021-2024.

²³ John Berger, *Modos de Ver*. Lisboa: Antígona [1972] (2018:18)

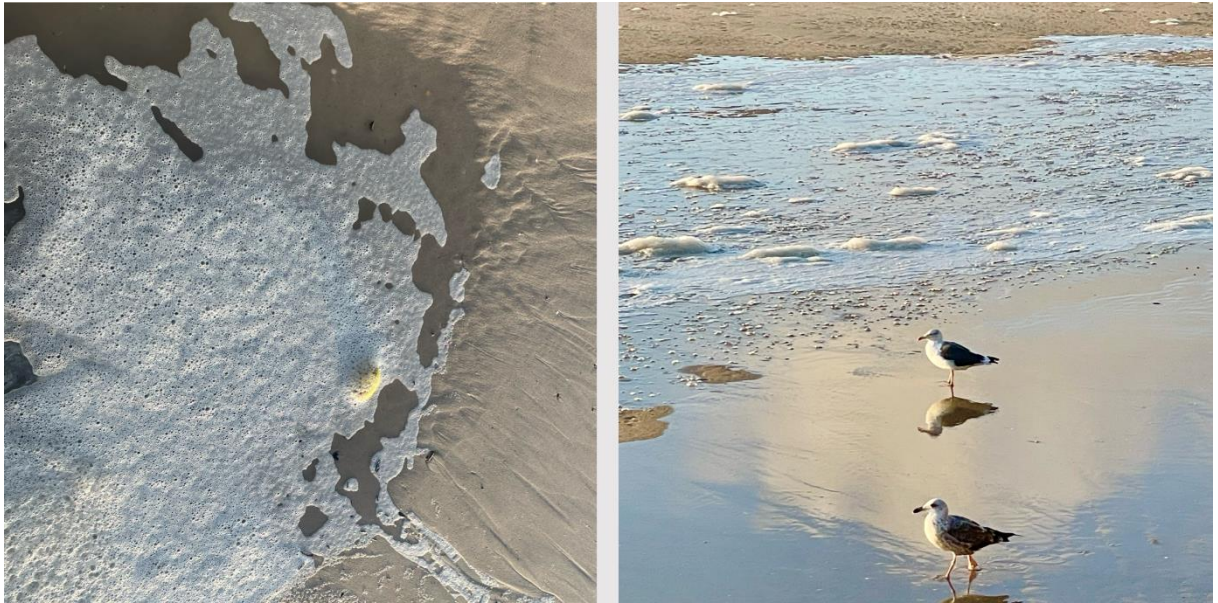


Figura 19 - CoExistindo_série entrEspécies. Praias de Espinho, Outubro 2024.



Figura 20 - CoExistindo_série entrEspécies. Praias de Espinho, Janeiro/ Fevereiro 2025.

Para exploração da marcação, no território, da passagem de diferentes espécies sugere-se o caminhar atento e a utilização de uma fita métrica e um pegómetro, para posterior registo fotográfico e mapeamento:



Figura 21 - Explorações e mapeamento. Espinho, Maio- Agosto 2025.

No capítulo anterior, abordaram-se algumas reflexões sobre a coexistência entre espécies. Avançando para uma observação mais aprofundada e de acordo com John Berger em *Porquê Olhar os Animais*²⁴, o modo como olhamos os animais ao longo do tempo, revela uma profunda transformação na nossa percepção e interação com o reino animal: "(...)supor que os animais começaram por estar presentes no imaginário humano enquanto carne, couro ou marfim é projectar." (2018:21-22) Os animais eram considerados sagrados, oraculares ou mensageiros, e desempenhavam um papel central na cosmologia e nas práticas espirituais dos seres humanos.

Essa relação venerativa refletia um reconhecimento do valor intrínseco dos animais e do seu papel significativo na vida humana e no entendimento do mundo.

A distinção fundamental entre humanos e animais, segundo John Berger, reside na capacidade do ser humano em produzir pensamento simbólico. A associação simbólica atribuída aos animais, auxiliavam o ser humano na compreensão do universo, como forma de mapear a experiência do mundo.

Quando a utilidade prática dos animais começou a dominar a percepção humana, essa mudança marcou o início de uma relação baseada na exploração, onde o valor dos animais cada vez mais é medido, pelo interesse humano na sua serventia. O animal, antes venerado e respeitado, passa a submisso, explorado, alimentado e sacrificado em função das necessidades humanas. John Berger continua:

Nas fases iniciais da Revolução Industrial, os animais eram usados como máquinas. Tal como o eram as crianças. Mais tarde, nas chamadas sociedades pós-industriais, eles são tratados como matéria-prima (2018:38)

²⁴ John Berger, *Porquê olhar os Animais?*. Lisboa: Antígona [1972] (2018)

O autor explora o gradual afastamento entre seres humanos e animais, destacando a influência da divisão cartesiana corpo-alma. Segundo o pensamento cartesiano, os animais, por não possuírem alma, foram reduzidos a meros modelos de máquinas. Este conceito de Descartes contribuiu significativamente para a desvalorização dos animais, que passaram a ser vistos principalmente como ferramentas utilitárias sem dimensão espiritual.

Além dos animais que, tal como vimos com Berger, foram explorados durante a Revolução, também as crianças o foram, sendo usadas como força de trabalho, em condições desumanas. Num processo gradual, a visão sobre os animais altera-se e passam a ser tratados como matéria-prima ou mercadoria manufaturada. A mudança de percepção enfatiza a transição dos animais de seres místicos e simbólicos, a máquinas de trabalho e por fim objetos de consumo.

A distinção entre animais domésticos e selvagens também é analisada pelo autor. A palavra "doméstico" implica um exercício de poder e controle, sugerindo que os animais domésticos são aqueles que foram subjugados e integrados à esfera humana. Esse domínio sobre os animais reflete uma hierarquia onde os humanos são os observadores e os animais, os observados. Esta obra é um convite à reflexão sobre relações de poder e reconhecimento de que tipo de conexão estabelecemos com os animais.

Citando de novo John Berger

Os animais são sempre os observados. O facto de poderem observar-nos perdeu qualquer significado. O que deles sabemos é um indicador do nosso poder, e portanto um indicador do que deles nos separa. (2018: contracapa).

A partir deste olhar os animais, apoiando-nos na obra de John Berger, avançamos para a observação consciente onde é possível observar os animais ao redor e reconsiderar essa complexa relação sobre como a visão e relação do ser humano perante os animais mudou ao longo do tempo e o que isso significa enquanto compreensão sobre a evolução do ser humano, enquanto espécie. A prática de olhar os animais de maneira

atenta pode ajudar a reconectar uma apreciação mais profunda e respeitosa pelo mundo natural, reconhecendo o valor intrínseco dos seres que coabitam o planeta.

Tanto na relação com as outras espécies como na relação com o entorno refletiu-se sobre as desigualdades no olhar o outro e nos modos de relação *entrEspécies*, assim como, possibilidades de práticas artísticas. Importa agora compreender os *desEquilíbrios* inerentes a essas desigualdades.

3.1. desEquilíbrio

A noção de que o ser humano é inerentemente social e que a existência do indivíduo está entrelaçada com a existência do coletivo é uma perspectiva fundamental nas ciências sociais. O ser humano, enquanto ser social, encontra a sua identidade e significado através das interações com os outros e é através desse vínculo que se constroem vidas, culturas e sociedades. Sendo estas dinâmicas complexas, a interdependência social molda a experiência humana em todas as suas dimensões.

Pensar em conceitos como equilíbrio/ desequilíbrio é fundamental para entender o funcionamento de sistemas complexos e das suas interações. Na física são considerados 3 tipos de equilíbrio: estável, indiferente e instável.

- a) Eq. Estável - Quando algo que é desviado ligeiramente consegue retomar o seu ponto inicial, após cessar a causa do desvio;
- b) Eq. Indiferente – Na situação, independentemente da causa que o desvie o deixa permanecer em equilíbrio;
- c) Eq. Instável – Condição de desvio, não consegue regressar à posição inicial, quando cessa a causa original.

A importância de perceber estes conceitos, aqui sinteticamente abordados e com referência no livro *Fundamentos de Termodinâmica do Equilíbrio*²⁵, prende-se com a importância, para a presente investigação, da possibilidade da instabilidade ou mudança poder trazer um reequilíbrio que permita movimentação e “estímulo para”, que possa conduzir a uma evolução. Estabelece-se aqui um paralelismo entre princípios da física, nomeadamente com os estados metaestáveis e os conceitos de “entre-lugar”, terceiro lugar e zonas liminares, atrás abordados a partir da antropologia de Arnold van Gennep e Victor Turner, bem como das formulações pós-coloniais de Homi Bhabha.

²⁵ Fiolhais, Manuel et al. *Fundamentos de Termodinâmica do Equilíbrio*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (1998)

O desequilíbrio conduz o pensamento para o facto de que o mundo está em constante estado de fluxo e que a mudança é uma parte fundamental da existência. Por consequência, os seres que o habitam estão em constante estado de transição e transformação, e não fixos ou estáticos.

Os organismos vivos são excelentes exemplos de sistemas complexos que estão constantemente sujeitos a equilíbrios e desequilíbrios no seu funcionamento. Precisam manter uma série de processos internos em equilíbrio dinâmico, como garantia de sobrevivência e adaptação ao ambiente, em constante mudança: mostram como é necessário haver elasticidade e capacidade de adaptação perante mudanças no sentido de se encontrarem novos equilíbrios essenciais à sobrevivência e evolução das espécies.

Os conceitos físicos atrás descritos funcionam como uma metáfora para refletir sobre o impacto da espécie humana nos ecossistemas e sobre a capacidade transformadora de interferir e alterar ecossistemas, à escala planetária. Orienta também a refletir sobre a escolha das práticas artísticas a desenvolver.

Que novas paisagens estamos nós, seres humanos, a construir?



Figura 22 - Exercício de paisagens Híbridas. 2025.

Conforme se desenvolveu ao longo desta investigação, a relação entre o ser- humano, as outras espécies e o seu entorno está marcada por um contínuo deslocamento entre estados de equilíbrio e desequilíbrio. A apropriação intensiva de recursos naturais, fragmentação de habitats e produção excessiva de resíduos tem transformado profundamente os ecossistemas, não só na capacidade de autorregulação como também na interferência com as espécies vivas que os habitam e que deles dependem.

Através de um olhar transdisciplinar com base em alguns fundamentos derivados de diferentes áreas de investigação e atuação, abre-se a possibilidade para práticas eco-artísticas emergentes como espaço de escuta, interrogação e cuidado, tal como temos vindo a constatar ao longo desta investigação, que promovem repensar as relações *entrEspécies* e a responsabilidade coletiva sobre os territórios. Abrem ainda a possibilidade de espaço que possa suscitar outros modos de habitar e reimaginar o planeta, em tempos de crise.

É deste ponto que se estreita a reflexão para a problemática dos resíduos marinhos provocados pela ação humana, tanto de origem terrestre como marítima.

A escolha deste “recorte” na paisagem resulta de um vínculo pessoal e sensível com o ecossistema marinho, espaço este onde o meu corpo, em movimento, encontra mais frequentemente a possibilidade de permanência e escuta. Junto ao mar, o estado de presença permanece num “entre lugar” de imersão...emergente, onde a quietude e a fluidez se fundem. É neste ecossistema que se manifesta, de forma mais visceral, uma sensação de pertença profunda e inquestionável, que ativa continuamente a empatia e o impulso de o proteger.

Assim, o mar não é visto como objeto de estudo ou espaço de contemplação, mas, sim, como território afetivo e político, onde a prática artística se inscreve como gesto de cuidado.

Perante o avanço da poluição marinha, nomeadamente da proliferação de plásticos no oceano, avança-se para o capítulo seguinte com o desafio de repensar modos de ação ao mesmo tempo poéticos e transformadores.

3.2. *inVisibilidades*: Abordagens Artísticas às Consequências do Consumo e Descarte

Vivemos numa era marcada pela intensificação do consumo e pela consequente produção massiva de resíduos, sobretudo de materiais de uso único. Essa vivência de descarte acelerado tem impactos significativos sobre os ecossistemas terrestres e marinhos, configurando o que muitos teóricos têm chamado de Antropoceno, uma nova era geológica definida pela ação humana sobre o planeta.

A problemática relacionada com a poluição no oceano, pela acumulação de resíduos marinhos provenientes da ação humana, tem vindo a trazer consequências

devastadoras. No entanto, iniciativas de sensibilização e intervenção têm emergido em diferentes frentes, unindo ciência, educação ambiental, cidadania e práticas artísticas.



Figura 23 - Ações de sensibilização e limpeza das praias do Concelho de Espinho / programa Bandeira Azul.

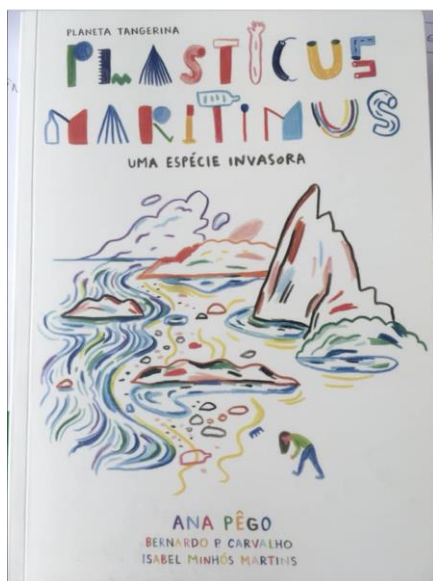


Figura 24 - Ações de sensibilização para a comunidade escolar, em contexto de auditório, com “espaço contaminado” de resíduos marinhos recolhidos nas praias em Espinho.

Neste contexto, o livro *Plasticus Maritimus, uma espécie invasora*²⁶ da bióloga Ana Pêgo constitui uma excelente ferramenta de trabalho para as ações e práticas que se pretendem implementar, localmente, a respeito desta problematização, independentemente da faixa etária. O livro apresenta-se de forma visualmente acessível e atrativa, com conteúdos sintetizados e imediatamente compreensíveis. Questiona a presença de uma nova espécie invasora, através de uma abordagem criativa. Esta nova espécie: *plasticus maritimus* apresenta-se como uma ameaça para os ecossistemas marinhos e passo-a-passo é possível ao leitor deixar-se guiar pelas explicações da grande família que constitui esta espécie assim como funciona como um manual de observação, identificação e ação, promovendo o envolvimento direto dos que o utilizam como ferramenta, na limpeza de praias e no reconhecimento dos impactos do lixo marinho.

Sendo Espinho uma cidade de mar, importa ativar, localmente, um conhecimento sensível e informado assim como transmitir ferramentas e soluções que ativem a vontade de o proteger.

Com base nesta ativação à transformação ecológica e cultural, procura-se contribuir para a compreensão da acumulação de resíduos como material e metáfora das relações contemporâneas entre sociedade, natureza e consumo, questionando os modos como escolhemos ver, ou não, os vestígios deixados pelo Antropoceno...ou será antes Capitoloceno? A partir deste ponto de partida, a investigação pretende refletir sobre as *inVisibilidades* associadas ao consumo e descarte de materiais de uso único, com enfoque no papel da arte como meio de dar visibilidade crítica a essas questões. Assim, passamos agora à compreensão de como podem as práticas eco-artísticas dialogar com o ativismo ecológico e a educação ambiental, na construção de novas narrativas sensíveis e políticas sobre a problemática em questão, através de um exemplo: o projeto

²⁶ Ana Pêgo. *Plasticus Maritimus, uma espécie invasora*. Carcavelos: Planeta Tangerina [2018] (2019)

desenvolvido pelo artista plástico brasileiro Vik Muniz no aterro do Jardim Gramacho, no Rio de Janeiro, documentado em *Lixo Extraordinário*.²⁷



Figura 25 - Imagens do documentário Lixo Extraordinário do artista plástico Vik Muniz.

O artista propôs a criação de retratos dos catadores de lixo através da reutilização de resíduos do aterro, conferindo visibilidade não só à matéria-prima em si, mas principalmente às pessoas que trabalham dia após dia, de forma invisível, na coleta e organização dos resíduos que a sociedade vai descartando diariamente. Ao ressignificar o material utilizado, reposiciona o lugar das pessoas retratadas transformando-se em agentes de mudança.

A abordagem a um livro e a um documentário pretendeu exemplificar diferentes meios de trabalhar determinados conceitos ou inquietações. Ambos sustentam o prosseguimento desta investigação e propõem refletir sobre o papel da arte na construção de ecologias de atenção, escuta e cuidado, como tem vindo a ser referido ao longo desta reflexão.

Nesse sentido, o artista Tony Cragg é também fundamental enquanto referência para compreender modos de trabalhar o material coletado nas várias ações, tanto na organização como catalogação. Entre os anos de 1969 e 1989, Cragg produziu um conjunto significativo de esculturas a partir de resíduos diversos, sobretudo materiais

²⁷ *Waste Land*, 2010. Documentário (99min) com direção de Lucy Walker, João Jardim e Karen Harley. https://media.rtp.pt/extra/pessoas/lixo-extraordinario/#goog_rewarded, acesso a 17 de julho de 2025.

plásticos descartados. Este processo envolvia a recolha, seleção e sistematização desses resíduos, que posteriormente eram reorganizados no espaço expositivo, criando composições visuais de grande impacto estético e simbólico. É proposta uma reflexão sobre os hábitos de consumo, a descartabilidade dos objetos e estética do banal.



Figura 26 - Tony Cragg, Five Objects, 1980.

O modo como o artista reorganiza os materiais recolhidos, tal como no exemplo da figura 26²⁸, foi um dos pontos de partida-referência para as imagens que se seguem; os resíduos marinhos provenientes das ações de sensibilização e limpeza nas praias do Concelho de Espinho foram reorganizados de acordo com essa referência artística como também com base no raciocínio de uma exposição itinerante criada pela Associação Bandeira Azul: “Os Suspeitos do Costume”.

²⁸ <https://www.tony-cragg.com/works/sculptures/1969-1979/>, último acesso a 3 maio 2025.

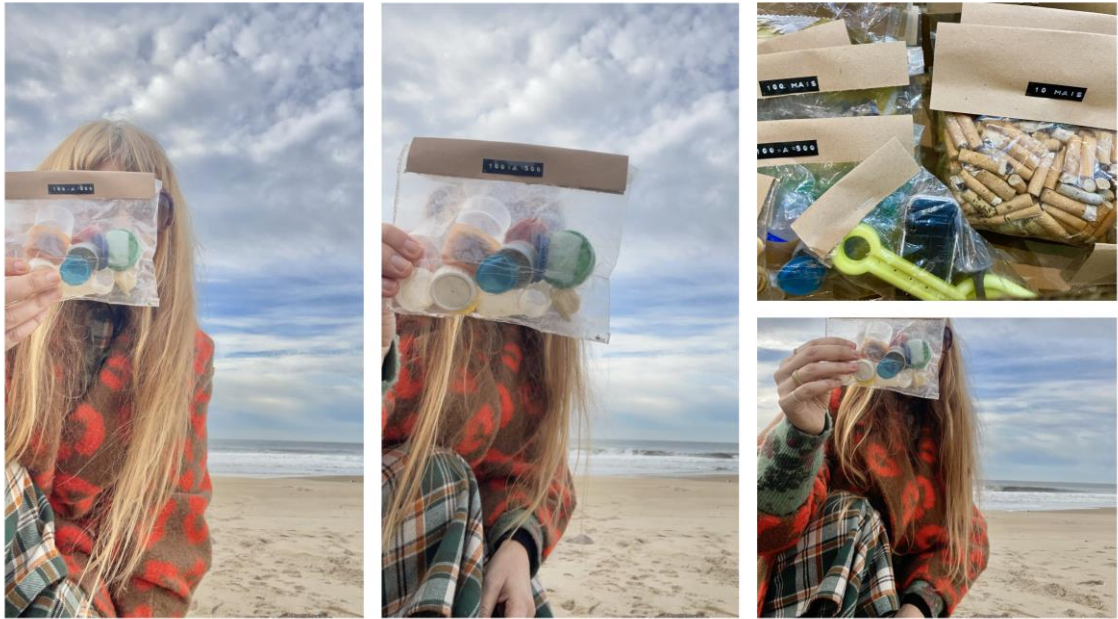


Figura 27 - Catalogação de resíduos marinhos recolhidos nas. Praias de Espinho.

Do tratamento do material recolhido foi criado um *kit* de ativação “Catalogação de Resíduos”, para acompanhamento das ações de sensibilização.



Figura 28 - Kit de ativação das ações de sensibilização e limpeza do areal e outros espaços públicos. 2025

Exemplificam-se, de seguida, algumas práticas eco- artísticas desenvolvidas, tanto no âmbito profissional como individual, que procuram abordar as problemáticas relacionadas com a poluição do Oceano:

A) Projeto **FÍGADOdeMAR** [2024- 2025]

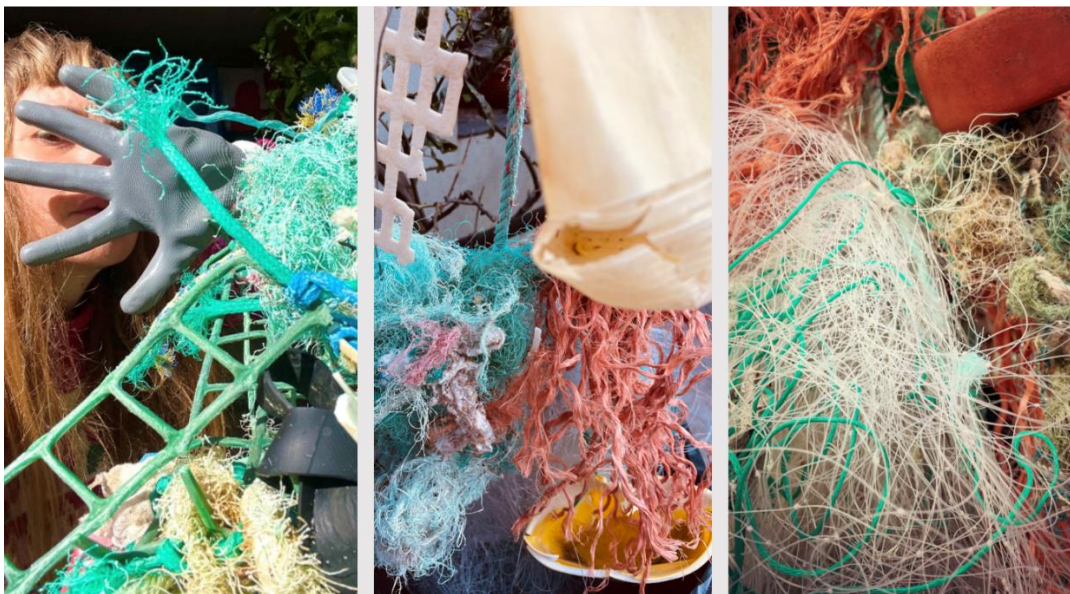


Figura 29 - Recolha de resíduos marinhos nas praias. 2024-25.

A metáfora do Fígado de Mar como sendo um órgão de purificação que, devido à poluição, acaba "cuspindo" lixo de volta para as áreas costeiras, pretende-se poderosa e invocativa nesta instalação.

A ligação entre a paisagem marinha contaminada e a instalação simbólica que devolve os detritos do mar à terra, unindo assim os dois elementos vitais para a vida no planeta - o oceano e as árvores, os dois maiores pulmões do planeta- pretende destacar a interconexão entre as ações humanas em terra e seu impacto no oceano.

Como um grito de alerta lembra que...as tuas ações em Terra, se refletem no Mar!



Figura 30 - Trabalho de campo e sala. 2024-25.

Este projeto esteve presente no Festival "ART Alive", em Canelas-Aveiro, de 10 a 14 de abril, uma iniciativa que inova ao unir espaços alternativos e públicos em prol da expressão artística. A transição digital que propõe ao mundo rural, através de práticas sustentáveis, posiciona o festival numa atmosfera cultural, referenciada na beleza, diversidade e interconexão entre arte, natureza e humanidade.



Figura 31 - Instalação e vídeo arte. ART ALIVE., Canelas, 10 a 14 de abril 2024.

B) Projeto **ExpressAR-TE-do Lixo a Arte!** [2019-2023]

Este projeto propõe que a arte funcione como recurso comunicacional não impositivo, que possa estimular à reflexão sobre as problemáticas ambientais. Tendo como matéria-prima os resíduos recolhidos nas várias ações de limpeza desenvolvidas e a reutilização de materiais, foram construídos objetos artísticos, para posterior visibilidade, em espaço público.

Algumas edições contaram com a parceria de artistas convidados proporcionando a possibilidade de instalação de ateliers ao ar livre, na praia Azul, e possibilidade de acompanhamento da criação e construção dos objetos escultóricos, por parte do público.

A instalação da imagem que se segue pretendeu alertar para o facto de que nem tudo que vem à rede é peixe! Simbolicamente, foram criadas tramas em torno das canas que

sustentavam embalagens de plástico. Com as redes de pesca e trapilho e a pedido dos donos do bar de praia, criamos alguns seres marinhos que envolveram a estrutura, nossa "vizinha" de praia!



Figura 32 - Instalações artísticas na praia Azul, em Espinho.

C) Projeto **O MAR começa AQUI, o MAR começa em TI!** [2020-2024]

As sarjetas e sumidouros desempenham um papel central na infraestrutura de drenagem urbana, assegurando o encaminhamento das águas pluviais para as redes de escoamento. No entanto, a sua função encontra-se frequentemente comprometida pela acumulação de resíduos sólidos e líquidos. Estes resultam, por um lado, do transporte natural de detritos provocado pela chuva e, por outro, de práticas inadequadas, como o descarte de óleos alimentares, beatas ou garrafas.

É a partir desta problemática que se enquadra a iniciativa *O Mar Começa Aqui*, promovida pela ABAAE, a qual desafia as autarquias a conjugar a gestão operacional dos resíduos com estratégias de educação ambiental, especialmente dirigidas ao público

escolar. Tal iniciativa evidencia a importância de uma abordagem integrada entre infraestrutura urbana, práticas de cidadania e preservação ambiental.

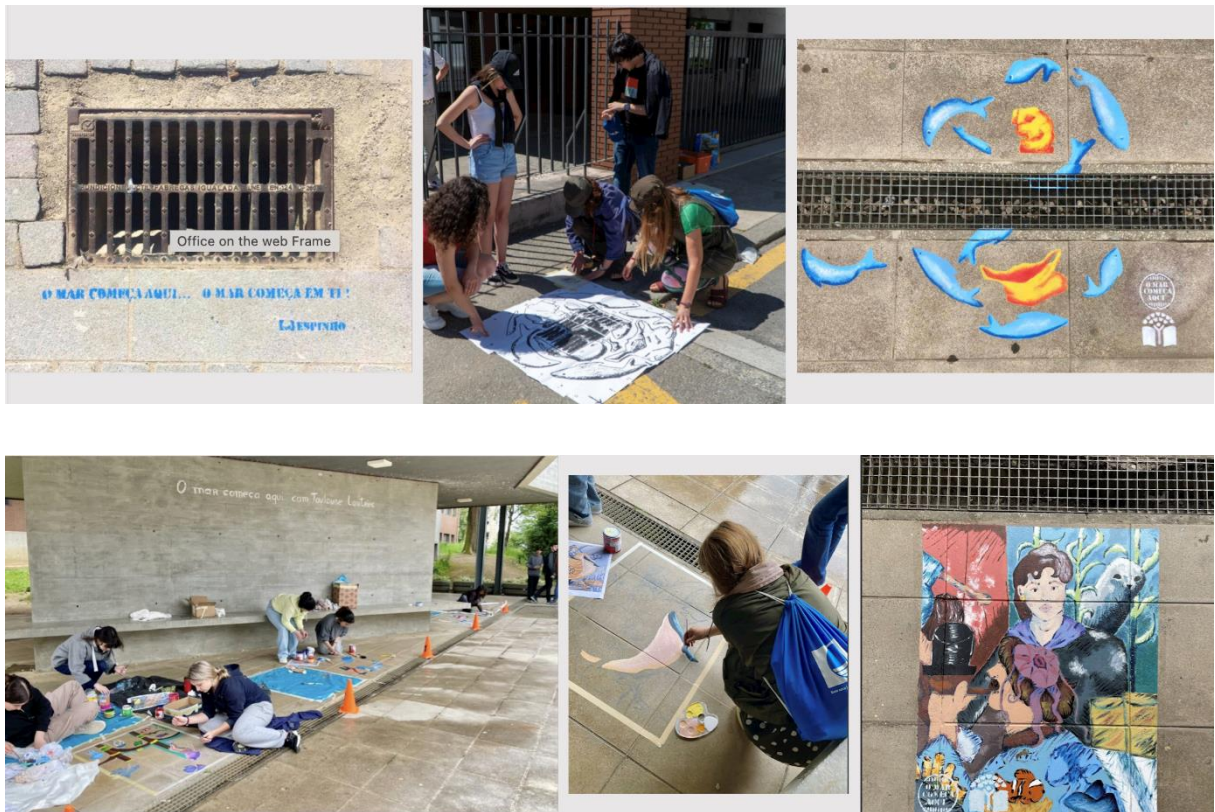


Figura 33 - Intervenções artísticas nos sumidouros e sarjetas nas escolas e outros espaços públicos de Espinho.

4. Nano-Observâncias

4.1. *inVisibilidades* dos processos naturais

Como tem vindo a ser reiterado ao longo desta investigação, a atual crise climática exige uma transformação profunda na forma como nos relacionamos com o entorno e uns com os outros. Esta transformação implica o abandono de paradigmas baseados na exploração e na separação humano-natureza, em favor de uma atitude de atenção, escuta e coabitação. Nesse contexto, a bioinspiração, abordagem que propõe a observação e a aprendizagem com os sistemas naturais, emerge como uma via possível para a construção de soluções mais sustentáveis e integradas nas relações *entrEspécies*.

Importa sublinhar que a bioinspiração não é um conceito exclusivo da contemporaneidade, embora hoje ganhe destaque nos discursos científicos e tecnológicos. Como se discutiu no capítulo “*CoHABITAndo: Algumas reflexões sobre a relação entre*”, povos de diferentes culturas e territórios já vivenciam, desde tempos ancestrais, formas de relação baseadas na reciprocidade, no respeito e na escuta ativa dos ritmos e saberes da natureza. Reaprender com a natureza, em vez de a dominar, constitui não apenas uma orientação ética, mas uma necessidade urgente. A mutualidade, enquanto princípio relacional, oferece um horizonte para práticas regenerativas e inclusivas, em que tecnologia, conhecimento e cuidado podem trabalhar em conjunto.

A bioinspiração oferece, assim, uma perspetiva singular e inovadora para a resolução de diversos desafios, nomeadamente no campo tecnológico, ao recorrer à inteligência inerente nos processos evolutivos que moldaram a vida ao longo de milhões de anos. Ao olhar para a natureza como modelo e fonte de soluções, torna-se possível desenvolver estratégias mais eficazes e resilientes para os problemas que se enfrenta no presente. Ainda que o foco desta reflexão não seja aprofundar o conceito em si, propõe-se, a partir

dele, explorar práticas e abordagens que possam ser aplicadas com base em modelos naturais, com especial ênfase nas plantas, como organismos bioinspiradores.

A analogia entre as estratégias de adaptação das plantas e as potenciais lições que os humanos podem extrair delas é realmente fascinante. Stefano Mancuso, um renomado cientista, botânico, biólogo e professor explora profundamente essa ideia nos seus livros, como por exemplo *A Revolução das Plantas*²⁹. Destaca como as plantas, mesmo sem mobilidade, desenvolvem uma série de mecanismos para lidar com as mudanças ambientais e sobreviver a uma variedade de condições extremas.

Uma das características mais notáveis das plantas é a sua capacidade de adaptação contínua. Elas possuem sistemas radiculares complexos que lhes permitem interagir de forma sensível, com o ambiente ao seu redor. Por exemplo, as raízes podem crescer em direção a fontes de água ou nutrientes e até mesmo comunicar com outras plantas através de sinais químicos, tal como as árvores, mas que irei abordar adiante. Essa descentralização do sistema, em contraste com a organização centralizada dos animais, permite que as plantas respondam de maneira rápida e flexível às mudanças. Além disso, as plantas desenvolveram uma ampla gama de estratégias para lidar com determinadas catástrofes ambientais, como a seca, o calor excessivo, o frio extremo e até mesmo ataques de pragas. Elas conseguem alterar o seu crescimento, fechar os estômatos para conservar água, produzir compostos químicos de defesa e até mesmo simular sinais de ferimento, para atrair predadores de herbívoros.

Essas habilidades adaptativas das plantas certamente oferecem revelações valiosas para a espécie humana, especialmente num mundo onde as mudanças ambientais e os desafios globais estão a tornar-se cada vez mais prementes, como temos vindo a refletir. Aprender com a resiliência e a versatilidade das plantas pode conduzir ao

²⁹ Stefano Mancuso, *A Revolução das Plantas*. Lisboa: Pergaminho. (2019)

desenvolvimento de estratégias mais eficazes, para lidar com os desafios atuais e em constante mudança.

A artista australiana Janet Laurence criou uma instalação-memorial, em simultâneo poética, científica e política, sobre espécies botânicas extintas ou em vias de extinção: *Ghost Glasshouse for Lost Botanical Species*, que pode ser visualizado na figura abaixo³⁰.



Figura 34 - Janet Laurence, *Ghost Glasshouse for lost botanical species*- Private Collection 2003.

Uma espécie de estufa acolhe alguns elementos vegetais reais, outros simbólicos que representam espécies em vias de extinção ou já desaparecidas, para espoletar à reflexão sobre a importância da preservação e conservação da natureza. Evoca a ideia de perda

³⁰ <https://www.janetlaurence.com/plants-gardens-landscapes>, acesso a 18 de janeiro de 2025

ecológica que nos transporta para a reflexão anterior a respeito do trabalho de Ligia Poplawska, da sensação de perda de lar, a *solastalgia*.

Este gesto artístico de evocação da ausência ou do luto vegetal, pode ser pensado na relação de diálogo com práticas que, inversamente, celebram a presença insistente da vida, em contextos adversos.

O projeto que se segue, desenvolvido no âmbito do mestrado, pretendeu homenagear a capacidade de resiliência das ervas espontâneas que emergem nos interstícios do meio urbano, e que habitam esse espaço liminar entre desaparecimento e reinvenção. Se *Ghost Glasshouse* invoca o espectro do que foi perdido, esta proposta enfatiza o vigor de formas de vida que persistem, resistem e insistem em permanecer, mesmo em territórios dominados pela impermeabilidade e pela dominação da espécie humana.

Herbarium [2023-2025]

Eu roubei a Floresta –
A Floresta inocente.
As Árvores, tão crédulas,
Trouxeram os seus musgos, os seus nós,
Para agradar à minha fantasia.
Eu, curiosa, estudei-lhe os enfeites –
E agarrei-os – e os despedacei –
O que dirá a solene Cicuta –
O que dirá o Carvalho?

Emily Dickinson³¹

Neste precioso *Herbarium* é apresentado um conjunto de fotografias de plantas vivas e organizadas de forma espontânea e livre, em espaços inusitados das cidades, aparentemente escapando à temível ação do Glifosato ou...será que lhe resistem?

³¹ Emily Dickinson, *Herbarium*. Lisboa: Relógio D'Água Editores [2023] (1839-1846:20)

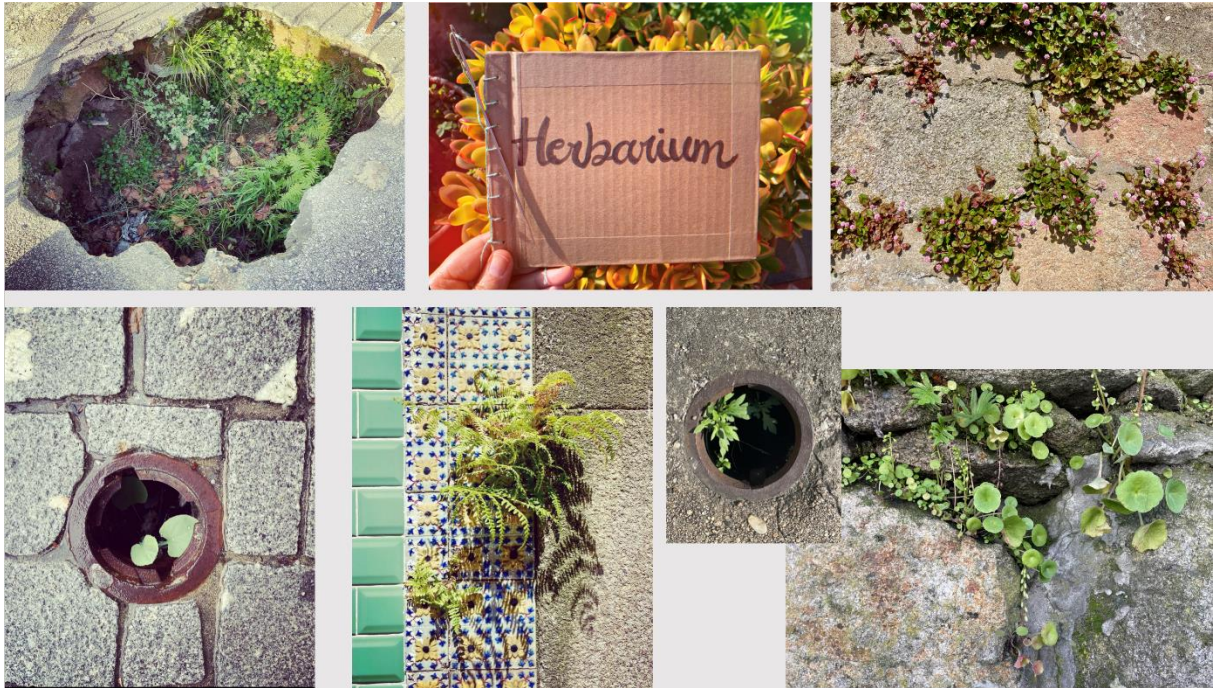


Figura 35 - Registos fotográficos de ervas espontâneas em espaço público para criação do Herbarium pessoal.

Homenageia-se a coragem e a liberdade com que diversas ervas espontâneas, assim lhe chamam as pessoas entendidas no assunto, sobrevivem pela cidade que se quer ordenada, limpa e ...esteticamente controlada?



Figura 36 - Exposição experimental coletiva "Fora da Caixa", Galeria Cozinha FBAUP, 2024 [fotografia à direita @Ana Paula].

As ervas espontâneas, por vezes chamadas de "daninhas" ou "invasoras" desafiam categorizações binárias entre o desejável e o indesejado, entre o cultivado e o descartável. Estabelecem aquilo que a antropóloga Anna Lowenhaupt Tsing descreve como "formas de vida nas ruínas do capitalismo", ocupando fissuras e revelando a potência ecológica do residual. No seu livro *O Cogumelo no fim do mundo: sobre as possibilidades de vida nas ruínas do capitalismo*³², a ideia que percorre a obra prende-se com a ideia de perturbação como potenciadora de criação de paisagens e de vida.

A precariedade é a condição de ser vulnerável aos outros. Os encontros imprevisíveis transformam-nos: não temos o controlo, nem sequer de nós próprios. Incapazes de confiar numa estrutura estável de comunidade, somos atirados para conjuntos mutáveis, que nos refazem a nós e aos outros. Não podemos confiar no status quo; tudo é fluxo, incluindo a nossa capacidade de sobreviver. (2015:26)³³

A precariedade aqui pode ser vista como oportunidade, neste “*entre-lugar*” ora vulnerável ora emergente, para uma possível coexistência urbana *entrEspécies*, desafiando ideologias de controlo, ordenação e funcionalidade.

A instalação artística é resultado de uma metodologia desenvolvida em três partes:

1. Um memorial de homenagem às plantas vivas espontâneas em meios urbanos, através de registos fotográficos e transformados em objetos expositivos, recorrendo à reutilização de materiais;
2. Exposição do levantamento de discursos produzidos em torno da problemática de controle dessas mesmas espécies vegetais e posterior transcrição desses excertos da pesquisa, em papel de braille reutilizado,

³² Anna Lowenhaupt Tsing, *The mushroom at the end of the world: on the possibility of life in capitalist ruins*. [S.l.]: Princeton University Press (2015)

³³ tradução livre da versão em Inglês: "Precarity is the condition of being vulnerable to others. Unpredictable encounters transform us: we are not in control, even of ourselves. Unable to rely on a stable structure of community, we are thrown into shifting assemblages, which remake us as well as our others. We can't rely on the status quo; everything is flux, including our ability to survive."

como forma de dar visibilidade a assuntos que se pretendem invisíveis, junto das comunidades locais;

3. Por último, a oferta de sementes que acompanha a instalação.



Figura 37 - Discursos produzidos sobre a problemática das ervas espontâneas no espaço público. 2024-25.

A criação de espaços de atenção e de dádiva, no âmbito deste projeto, teve como propósito reintroduzir formas de reconexão com as múltiplas expressões da vida que coabitam os territórios urbanos. Trata-se de um esforço em implementar condições sensíveis que permitam perceber as relações partilhadas *entrEspécies*, contribuindo

para a construção de outras possibilidades de imaginar e vivenciar a cidade, não como um espaço exclusivamente humano, mas sim como um ecossistema *coPartilhado*.

Inspirada no discurso de Anna Tsing, a instalação artística pretende ativar o gesto de "notar", entendido como a capacidade de observar e acompanhar as formas de vida que persistem à margem da atenção dominante, mesmo em contextos de devastação ecológica e abandono urbano. Tsing propõe que, em tempos de ruína, é precisamente nesse gesto atento que reside a possibilidade de ver diferentes modos de habitar o mundo. Essa atenção compreende a presença de espécies vegetais discretas, as potencialidades germinativas esquecidas e as formas de resistência não humanos nos meios urbanos.

A semente portadora de vida e memória carrega um gesto político que evoca as ações do movimento *Guerrilla Gardening* que emergiu como uma espécie de desobediência civil, face à reivindicação pelo direito ao espaço público verde. Através de práticas interventivas e regenerativas em espaços abandonados, terrenos baldios ou “zonas cinzentas” do espaço público o movimento propõe gestos subtis de cuidado com mistura de subversão, através do convite à participação e partilha coletiva das ações, como exemplificado abaixo.³⁴

³⁴ Imagens retiradas em <https://www.guerrillagardening.org/>, acesso a 25 julho de 2025



Figura 38 - Intervenção em Londres, Old Kent Road 2012-2013 e artigo do Telegraph: Gardening Against the Odds 2013: 'Gardening saved my family'.

Pretendeu-se exemplificar como através de práticas de cuidado, de dádiva, de partilha, no coletivo ou no individual é possível projetar uma ética da ecologia. Através de ações persistentes e regulares pode ser possível lançar sementes de conhecimento que possam permitir o enraizamento de pequenos ou grandes gestos de mudança na relação *entrEspécie*.

5. Ponto (não) final

Ao longo desta investigação, abriram-se múltiplos caminhos possíveis para a exploração das relações *entrEspécies* e de estratégias eco-artísticas que possam ser mobilizadas no espaço público, com o intuito de fomentar formas de coexistência mais equilibradas e equitativas. Ainda que muitas referências artísticas e autorais não estejam contempladas no presente documento, esta limitação não reduz o seu alcance; pelo contrário, sinaliza a vastidão do campo investigativo e o caráter necessariamente inacabado de uma reflexão que se quer aberta, situada e em constante germinação.

Em gesto de conclusão, importa afirmar que este percurso não se encerra aqui.

A expectativa é que as reflexões propostas, bem como os exemplos de práticas eco-artísticas apresentadas, possam inspirar a novas ações, provocar a escuta e ativar o espírito crítico em relação a questões que dizem respeito a todos os seres, humanos e não humanos, que coabitam este mundo-comum.

É crucial evitar o equívoco, tantas vezes repetido, de que aquilo que é de todos frequentemente é responsabilidade de ninguém. Tal lógica conduz à formação das chamadas "zonas cinzentas", espaços negligenciados, inabitáveis ou intocáveis, físicos ou simbólicos, que se acumulam tanto nas cidades como nos nossos modos de relação com o mundo. Por isso, quando aqui é referido o espaço público, não se limita o conceito ao espaço urbano partilhado entre humanos, mas sim a um espaço amplificado de interação sensível, ecológica e ética.

A filósofa e zoóloga Donna Haraway refere na sua obra *Quando as espécies se Encontram*³⁵ que:

Ser um é sempre devir com muitos. (2022:6)

³⁵ Donna Haraway, *Quando as Espécies se Encontram*. São Paulo: Ubu Editora [2008] (2022)

Esta afirmação resume um dos eixos de pensamento da autora quando defende uma concepção relacional *entrEspécies*; somos o que emerge da relação com os outros e com o entorno e relembrando “em cada momento de colisão com o mundo” de João Fiadeiro e o exercício de suspensão de automatismos, pode efetivamente ser possível que encontros de alteridade possam emergir assim como, encontros ainda por vir!

Neste ponto (não) final da reflexão exemplifica-se a *experiênciaOficina* proposta e apresentada na edição 2025 do evento BioBlitz, já mencionado, em Serralves.

O que se propôs aos participantes foi a abertura de um espaço de escuta, partilha e de reposicionamento enquanto espécie:

E se eu fosse uma outra espécie da natureza que não humano?

Com um novo olhar ao meu redor...como será o meu movimento? Como me relaciono com as outras espécies e com o ambiente que me rodeia?

Novas espécies irão circular por aqui e por ali, de forma integrada e harmoniosa!

Aqui não somos visitantes. Somos parte integrante do ecossistema!



Figura 39 - “ExperiênciaOficina Eu-Espécie”. 2025(imagem da criança @Sílvia de Sousa).

A “ExperiênciaOficina Eu-Espécie” propõe um exercício sensível e imaginativo: e se eu fosse uma outra espécie da natureza que não humana? A partir desta pergunta, os participantes são convidados a observar o ambiente com um novo olhar e a investigar, através do corpo e dos sentidos, como se moveriam, se relacionariam e existiriam enquanto sendo outra espécie. A experiência culmina com a criação simbólica de um “abaixo-assinado de nova espécie”, onde cada participante sela um compromisso com a natureza, da qual é parte inseparável, assumindo uma postura de integração e cuidado no ecossistema.



Figura 40 – “Experiência Oficina Eu-Espécie”. BioBlitz Serralves, Abril 2025.

Encontrar tempo para reorientar a atenção e o tempo para esses espaços negligenciados, marginalizados ou silenciados pode ser visto como uma dádiva contemporânea.



Figura 41 - Kit de ativação “Eu-Espécie”. 2025.

Em *Terra Queimada, da era digital ao mundo pós-capitalista*³⁶, Jonathan Crary posiciona-se de forma crítica perante a “sociedade sem sono” que para o autor carece do gesto de dádiva, da capacidade de se dar ao outro, ao entorno. Invoca ao espaço para o descanso, pensamento crítico e encontro com o outro, nomeadamente referindo-se às comunidades mais jovens e a um maior equilíbrio entre vivências presenciais e virtuais.

A vida online produz necessidades que se podem gerir dentro da sua clausura autónoma e regula o que se autoriza a sonhar. Só quando os desejos e as esperanças assomam num mundo físico partilhado, por mais despedaçado que esteja, pode alguém recusar, e conseguir sentir hostilidade pelos poderes e pelas instituições que tomam de assalto e sufocam essas esperanças. (2023:52)

Cuidar do equilíbrio entre os vários mundos possíveis é manter vivo o compromisso de não o terminar. Conclui-se, portanto, com a lembrança de que só há “comum” onde existir abertura, em que o cuidado e a atenção ao outro, na sua complexidade, possam criar espaços vivenciais partilhados.



Figura 42 - Eco-Encontros à Beira-Mar!. Praia Frente Azul-Espinho, 2023.

³⁶ Jonathan Crary. *Terra Queimada, da era digital ao mundo pós-capitalista*. Lisboa: Antígona [2022] (2023)

A presente investigação, desenvolvida em contexto académico, teve como objetivo ampliar o campo de atuação profissional, reforçando o potencial de articulação entre as dimensões culturais e ambientais, com vista à produção de impacto social e à promoção de mudanças de comportamento. As estratégias concebidas através das práticas eco-artísticas, aqui descritas, foram aplicadas a diferentes públicos-alvo e analisadas mediante observação direta, permitindo alcançar as seguintes conclusões:

- Verificou-se uma elevada adesão e envolvimento por parte dos diversos públicos, com especial destaque para a faixa etária juvenil. Normalmente identificada como mais resistente a iniciativas desta natureza, revelou, no entanto, uma participação significativa e envolvente, sobretudo em contexto escolar.
- A integração destas práticas em estreita articulação com os programas curriculares escolares revela-se fundamental, nomeadamente nas disciplinas de Cidadania, Artes Visuais, Ciências e Educação Física.
- A adequação das estratégias às diferentes faixas etárias constitui um fator determinante para o êxito da implementação destas práticas.
- A dimensão artística, associada às problemáticas ambientais abordadas ao longo da investigação, configura-se como agente facilitador de processos de reflexão e transformação no espaço público, reforçando a arte como um canal privilegiado de leitura e interpretação do mundo.
- O trabalho desenvolvido, sustentado por contributos de diferentes autores e artistas, constitui um ponto de partida para processos de continuidade futuros fortalecidos pelo conhecimento adquirido ao longo deste percurso académico.

6. Bibliografia

- Berger, John. *Modos de Ver*. Lisboa: Antígona (2020)
- Berger, John. *Porquê olhar os Animais?*. Lisboa: Antígona [1972] (2018)
- Bértholo, Joana. *Natureza Urbana*. Lisboa: Relógio D'Água Editores (2023)
- Bhabha, Homi. *The Location of Culture*. London: Routledge (1994)
- Bourriaud, Nicolas. *Estética Relacional*. São Paulo: Martins Editora Livraria Ltda. [1998] (2009)
- Careri, Francesco. *Walkscapes*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL (2013)
- Carneiro, Alberto. *Catálogo Arte Vida / Vida Arte*. Fundação de Serralves, Porto (2013)
- Cauquelin, Anne. *A invenção da Paisagem*. Lisboa: Edições 70, LDA [2008] (2021)
- Chatwin, Bruce. *O Canto Nómada*. Lisboa: Quetzal [1987] (2000)
- Crary, Jonathan. *Terra Queimada, Da Era Digital ao Mundo Pós-Capitalista*. Lisboa: Antígona [2022] (2023)
- Dickinson, Emily. *Herbarium*. Lisboa: Relógio D'Água Editores [1839-1846] (2023)
- Eastman, Charles A. (Ohiyesa). *A Alma do Índio*. [S.L.]: Planeta Vivo [1911] (2005)
- Fiolhais, Manuel et al. *Fundamentos de Termodinâmica do Equilíbrio*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (1998)
- Gibson, James J. *The Ecological Approach to Visual Perception*. New York: Taylor & Francis [1986] (2015)

- Haraway, Donna. *Quando as Espécies se Encontram*. São Paulo: Ubu Editora [2008] (2022)
- Ingold, Tim. *Being Alive, Essays on movement, knowledge and description*. [S.L.]: Routledge (2011)
- Kagge, Erling. *A Arte de Caminhar- um passo de cada vez*. Lisboa: Quetzal [2018] (2020)
- Latour, Bruno. *Políticas de la naturaleza*. Barcelona: Arpa [1999] (2024)
- Lenoir, Frédéric. *Carta Aberta aos Animais (e aos que os amam)*. Lisboa: Quetzal [2017] (2025)
- Mancuso, Stefano. *A Revolução das Plantas*. Lisboa: Pergaminho (2019)
- Mauss, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: CosacNaify (2003)
- Neto, Aristóteles Barcelos. *A Arte dos Sonhos, uma iconografia Ameríndia*. Lisboa: Assírio & Alvim (2002)
- Pêgo, Ana. *Plasticus Maritimus, uma espécie invasora*. Carcavelos: Planeta Tangerina [2018] (2019)
- Sardo, Delfim. *O Exercício Experimental da Liberdade, Dispositivos da arte no século*. Lisboa: Orfeu Negro (2017)
- Solnik, Rebecca. *Wanderlust- A History of Walking*. London: Verso [2001] (2002)
- Thoreau, Henry David. *Walden ou a Vida nos Bosques*. Lisboa: Antígona [1817-1862] (1999)
- Tsing, Anna Lowenhaupt, *The mushroom at the end of the world: on the possibility of life in capitalist ruins*. [S.L.]: Princeton University Press (2015)

Turner, Victor Witter. *O Processo Ritual, Estrutura e Antiestrutura*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda [1969] (1974)

Vaz-Pinheiro, Gabriela. *Modos de (co)existência, espaço confinado, condição global, resistência*. Porto: Fbaup.I2ADS (2023)

Wohlleben, Peter. *A Sabedoria das Árvores, O que sentem, como comunicam- a descoberta de um mundo misterioso*. Lisboa [2016] (2020)

7. Webgrafia

Children of the Jaguar (28min,2012), Eriberto Gualinga e Amnistia Internacional
<https://www.youtube.com/watch?v=Ma1QSmtuiLQ>, acesso a 28 de março de 2024

<https://www.serralves.pt/ciclo-serralves/2209-rivane-neuenschwander-sementes-selvagens/>, acesso a 9 de julho de 2024

<https://journals.openedition.org/geografares/4482>, acesso a 14 de julho de 2024

<https://artuk.org/discover/artworks/31-walks-from-water-to-water-19712010-made-in-western-europe-317517>, acesso a 16 de agosto de 2024

https://www.researchgate.net/publication/5820433_Solastalgia_The_Distress_Caused_by_Environmental_Change, acesso a 4 de janeiro de 2025

<https://www.janetlaurence.com/plants-gardens-landscapes>, acesso a 18 de janeiro de 2025

<https://www.tony-cragg.com/works/sculptures/1969-1979/>, último acesso a 3 maio 2025.

<https://mitsp.org/2020/entrevista-performatica-com-joao-fiadeiro/>, acesso a 19 junho de 2025

https://media.rtp.pt/extra/pessoas/lixo-extraordinario/#goog_rewarded, acesso a 17 de julho de 2025

<https://www.guerrillagardening.org/>, acesso a 25 de julho de 2025

8. Documentários

Children of the Jaguar, 2012. Direção de Eriberto Gualinga.

Waste Land, 2010. Direção de Lucy Walker, João Jardim e Karen Harley.

ANEXO: Guia minimalista de reEncontro



Este guia de bolso convoca a práticas de ReCuidado de si e do mundo: presença, escuta e pertença.

Através de uma abordagem minimalista, fundamenta-se na criação de uma nova política de R's, concebida como prática simbólica e ética de reconexão com a essência individual e coletiva.



Respirar

Inspira...

Expira...

O ar é comum!

Encontro infinito
até à finitude.

Caminhar

Cada passo encontra o
chão...a terra
sustenta...

Escutar

O rio fala...o vento fala...o
mar fala...a terra fala...
Shiuuuuuu...escuta...

Plantar

semente é futuro.
Gesto simples, infinito.

Cuidar

O lixo é memória.
o mar devolve...

Nova política dos R's

*Reespirar junto.

*ReCaminhar consciente.

*ReEncontrar.

*ReEscutar entrEspécies.

*ReAjustar.

*Replantar.

*ReCuidar.

*ReExistir.

Silêncio.